

A REVOLTA

Pela Patria e pela Republica

Jornal Republicano Academico

Anno 3.º

DIRECTOR — Emílio Martins

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 7 de Junho de 1911

Propriedade da Empresa da "REVOLTA,"

Composição e imp., CASA MINERVA, Avenida Navarro

ADMINISTRADOR E EDITOR: Arnaldo Sequeira

N.º 46

SNRS. CONSELHEIROS!

Quando, a seguir aos perturbados dias de Outubro, este periódico de rapazes reapareceu para saudar a realização dum ideal que o fora nosso desde o primeiro número desta folha, com entusiasmo e fé imensa, e não só para saudar — senhores conselheiros! — também para gritar *vigilância* e *intransigência*, havia por toda a terra portuguesa, em todos os corações e em todas as almas, uma demaziada confiança enterneçada na *victória*, predispondo-nos a todos para dezastruosos acontecimentos, para a dezilusão completa, talvez.

Depois viu-se...

O que posteriormente ao primeiro mês da *Revolução* se tem passado nesta terra infeliz de *fraldiqueiros* e *malandretes* sobejamente prova quanto foi pernicioza a reclamada política de *atração* — braços abertos para toda a canzoada de rabo entre pernas, porque haviam estrondado passajeiramente algumas granadas revoltosas nos primeiros dias de Outubro; quanto foi pernicioza a atitude fraca dum governo assustadiço perante todos os preconceitos e erros e crimes dum regime definitivamente deposto; quanto foi imbecil e criminoso o procedimento dos chamados *intelectuais* e *dirijentes* afirmando claramente em todos os seus actos que *o que havia a fazer* era ocupar quanto antes os quentes assentos *vagos*, em volta da magnifica meza do *orçamento*!

E o nosso povo, este bom povo de Portugal, cujas *energias* alguns a medo procuram despertar e trazer em vibrações fecundas para a intensa vida moderna, ai andou em sete longos mezes malbaratando a *Portuguesa* e mais a *Maria da Fonte*.

A Revolta

Reapparece este periódico. A regularidade da publicação desta nova série bom seria que só de nós dependesse.

Indispensavel, porém, o auxilio dos nossos estimaveis assinantes e compradores, a sua atenção chamamos — lembrando-lhes uma vez ainda que a manter esta folha apenas há a magra bólsa dum grupo de rapazes, que á tres annos a veem fazendo publicar.

Aos nossos antigos assinantes, que não queiram continuar recebendo-nos, pedimos urgente devolução deste número a fim de evitar despesas e embaraços de toda a ordem.

Fez-se alguma coisa do que era indispensavel. Fez-se muito, porventura.

Mas não será razoavel a opinião quaze geral — excepção para os snrs. conselheiros! — de que não se fez a *Revolução*?

Pois não será razoavel a opinião de que, sendo certo que não há um D. Manoel *tronificado* e que a *governar-nos* prezide um governo de homens honestos e inteligentes, *apesar de tudo* subsiste quaze inteiramente o *atrazamento* geral de cauzas complexas — caracter falhado, inépcia, ignorância, rotina, servilismo, crendice, fanatismo religioso e tantas outras inumeraveis — entornando sobre toda a terra portugueza pouco menos do que — um selvajismo primitivo?!

A! snrs. conselheiros! snrs. conselheiros! Se aceitam já as novas cores — *verde e vermelho* isso é para que — bem no sabemos! — possam explicar o fim da insurreição de Outubro, rebentando de contentes, por ter D. Manuel deixado, ao fujir, junto ao muro da *cêrca do palácio*, uma segura escada servindo-lhes para *trepar*, para *trepar*, até sentarem *burguezaamente*, assocegados, felizes, olímpicos, as nádegas gordalhdas na almofada fofa do *trono* vago!

Quanto a nós a *Revolução* não se fez!

Vai reunir a *Constituinte*.

Que virá a pensar de *tudo isto* essa assembleia, que deveria ser dos portuguezes mais inteligentes, mais honestos, mais instruidos e mais trabalhadores?

Feliciano Santos

Não pôde este nosso amigo continuar dirigindo a nossa folha, mas não deixa de lhe prestar o concurso da sua proza assinada, o que em certo modo nos contenta.

Ecos e comentarios

Carbonários

Exploração ignobil a que se está fazendo em volta do Governador Civil deste distrito.

Diz-se, insinua-se, malevolamente, perversamente que o Governador Civil está na disposição firme de guerrear, aniquilar até, tudo quanto nesta terra tenha o desventura de ser julgado *carbonário*.

Insinuação cobarde e canalha está bem de ver!

Como se o Governador Civil, o valente marinheiro revolucionario, que conhecemos, pensasse pela *mioleira quimicamente inutil* de qualquer *conselheiro* ou .. proprietario de gazeta *independente*!

Nem mais nem menos

Um coléga nosso estranhando que os *adezivos* por todas as formas se insinuem mais republicanos, do que os próprios republicanos, que o foram sempre, interroga graciosamente:

Seremos nós republicanos de menos ou eles republicanos de mais?

A *chave* da questão está de facto, no mais e menos — em ter havido, na politica de *pernas abertas*, juizo de menos e fraqueza de mais.

Adivinhando

Anda ai em certa imprensa e na boca de certa gente a afirmação gratuita de que Floro Henriques é nada menos do que — o *chefe* da Carbonária.

Não podemos nós levar a mal que tal gente se põha a adivinhar, sobretudo quando se sêe com coizas inofensivas.

Imjine o leitor que tal gente vinha dizer-nos que o *chefe* da Carbonária era por exemplo o Agapito ou o Octaviano Sá ou o Sousa Gomes?!

Dissidentes

O glorioso partido dissidente local reuniu na quinta-feira passada por volta das 3 horas da tarde num conhecido escriptorio de advogado na *baixa*.

Será porque o Sr. José Luciano de Castro volte á *politica activa*?

Teatro

Sobre as tres noites de arte que nos veiu dar a companhia do *República* adeante se diz.

Apenas aqui dezejamos frizar o contraste que naquellas tres noites nos magiou — o de bons actores representando bem e pêsimos espectadores representando muito mal.

Agradeoendo

Ao nosso prezado coléga « *Tribuna* » muito agradecidos pelas suas felicitações lizonjeiras.

Quanto ás *reservas* — muito agradecidos tambem.

Registando

Não será demais transcrever do nosso coléga *Tribuna* a preciosa informação que segue:

« Porque o administrador de Mira se não prestou ás manigancias eleitoraes do snr. Angelo, foi demittido e substituido pelo dr. Dario Calixto, antigo propagandista do centro católico. »

Como veem — sinal dos tempos que vinham correndo em Coimbra e cercanias.

E não só em Coimbra e cercanias!

CARIDADE EVANGELICA



— Um attestado de pobreza!

— Como? se nunca pagou os dizimos á Igreja!!!

(Desenho de Luis Felipe.)

MIUDEZAS...

A dona Felizarda era uma senhora com a monomania religiosa, muito beata e muito estúpida, que passava a vida a fallar das proezas da Virgem e dos milagres de S. Francisco.

Temente a Deus e inimiga do Diabo a quem por vezes enxotava com o signal da cruz, ella amava, em geral, com certa paixão, todos os santos da Corte do Ceu, mas dentre elles destacava um, S. Francisco, a quem consagrava uma devoçãosinha especial, particularissima e ao qual recorria sempre, fervorosamente, nas horas apertadas de aflicção...

Um dia depois de jantar, levantado o pensamento a Deus como era costume santo naquella casa santa, um parente, um sobrinho de D. Felizarda sahio de passeio a gozar as delicias duma tarde socegada e linda...

Mas subitamente, corridos momentos, surge a nossos olhos apavorados a prespectiva clara duma trovoadá imminente com grandes nuvens acastelladas no ar, escurecendo o ceu...

E em breve, ao ribombar destacado do trovão que grossos relampagos annunciavam, era de ver como a agua cahia a cantaros, furiosa e fumegante, batendo as vidraças, saltando nas pedras das calçadas.

D. Felizarda, aterrada, afflictiçissima, receando as iras do Senhor mas ao mesmo tempo confiada n'uma intervenção-sinha .. sobrenatural, divina, apegou-se logo cheia de fé a S.ª Barbara e S. Jeronymo supplicando-lhes ardentemente, entre lamurias sagradas, que levassem a trovoadá para longe, para onde não fizesse perca...

Mas a trovoadá continuava ameaçadora e violenta...

Foi então que D. Felizarda, tocada por uma lembrança subita de fervorosa amizade, correu ao oratorio do seu Santo, do seu advogado, do seu protector, o bemaventurado S. Francisco e lhe disse muito confidencialmente, em tom de segredo, todas as suas maguas, todos os seus receios...

Em S. Francisco confiava absolutamente, d'elle esperava tudo — porque era um santinho muito da sua feição, nunca a desamparara, nunca lhe negara o seu poder milagreiro!

E pedia, pedia-lhe com muita insistencia, com muito fervor, com muita fé, que lhe valesse n'aquella afflicção, que amainhasse a tempestade... que livrasse seu sobrinho...

Mas a despeito de todas as preces, de todas as jaculatorias, a trovoadá continuava ameaçadora e violenta sem que o bemaventurado S. Francisco desta feita se resolvesse a intervir... e protestar, D. Felizarda teve

um repellido de impaciencia e decidida, abusando da confiança celestial, divina, arranca furiosamente S. Francisco do oratorio onde havia annos vivia prezo e tra-lo para juncto de uma janella batida do vento e illuminada de relampagos como que a mostrar-lhe a razão de suas queixas, o motivo dos seus receios...

N'esta occasião realisou-se um dos milagres mais estupendos de que reza a historia!

S. Francisco, o bemaventurado S. Francisco, de pé sobre o peitoril da janella, solenne e grave, encorou mudadamente a tempestade e alcançando o braço despediu vagamente para o espaço, para o infinito um gesto largo, omnipotente, dobradissimo...

A tormenta havia passado. Cessara a chuva e o ceu abria-se numa claridade doce e purificante...

O sobrinho de D. Felizarda estava salvo.

Bemditas sejam as... proezas de S. Francisco!

F. R.

Esclarecendo

Certa imprensa — um periódico indigena — um correspondente d'um jornal do norte — sobre o caso das prisões nesta cidade, de tanta berra, entre considerações e comentários teve esta exclamação:

«Então era fundamentado tudo quanto á tẽmpo um manifesto do Snr. Juzarte Pascoal veio anunciar ás gentes.

Então são os mesmos, que aprenderam esse manifesto, impediram a sua circulação, aqueles que agora precipitadamente detatam a prender os conspiradores, confessando a verdade do manifesto?»

Vejam os. No dia 16 de Março, á noite, na baixa, começou a circular um manifesto de todo o ponto alarmante, gritando que se conspirava que se faziam e premeditavam coisas pavorozas e acuzando as autoridades e os tais carbonários de por nada darem fé, numa indiferença criminosa.

Era verdade que se conspirava — eis tudo. E os tais carbonários sabiam-no demaziadamente, dispensando o anúncio impresso do Snr. Juzarte Pascoal e mais dispensando a acuzação tola e malévola do mesmo impresso e do mesmo Snr.

Simplemente o Snr. Juzarte Pascoal e muitos outros tardios zeladores da República, que imprevisamente surtiram no momento, não reflectiram sobre quanto convinha que no caso se fizesse segredo, não deixando perder o que estava apanhado e não impedindo, por aviso, que muita outra coisa o fôsse.

Em nada pensaram os zeladores. Dalguns a intenção era, á força, manifestar amor á República, por não o terem feito antes...

De todos era intenção menos-cabar organizações revolucionárias a que não pertenciam.

Vinha a proposito falar aqui de certas dedicacões republicanas posteriores a 5 de Outubro.

O caso não é novidade... Não reflectiu o autor do alarmante impresso.

Mas alguém reflectiu. O manifesto foi apreendido.

Enfureceram-se os zeladores, em curiosos episodios, que não merecem conto.

As prisões só agora vieram, porque — só agora podiam e deviam vir.

Ao autor do impresso e seus cúmplices e seus defensores deve-se-lhes levar em conta a penitência, que por certo fizeram já, do seu erro.

Ruim morto.

UMA NOITE EM PARIS

As cocottes do Quartier tinham por habito reunir-se todas as noites na *boutangerie* do Boulevard S. Michel por volta de uma hora. Eram ali aguardadas por estudantes portuguezes, por uns turcos que vendem coisas (comprei-lhes dois optimos relógios por oito francos!) e por alguns individuos mais, cuja identidade não averigui.

Conversava-se, entrava-se em negociações com os turcos ou com as cocottes, que não se cansavam de pedir *gâteaux*, e, quem não recolhia a casa ia para os *Halles* fazer a *Noce*.

Os restaurantes enchem-se completamente de *Noceurs*, que em volta das mezas e em frente cerveja se entretinham até pela manhã.

Nada tem de interessante ou particular estes restaurantes.

N'um d'elles que me pareceu mais original, me demorei algumas horas para fazer côro com aquelles bohemios nos applausos a uma cigana de tẽz bronzeada, interessante, por signal, que dançava a dança do ventre ao som d'uma viola e d'uma rebecca desafinada.

Esta cigana de olhar ardente, de dentes brancos e labios vermelhos de sangue, contorcia-se em movimentos molles de sensualidade, que, ora nos deixavam vêr através da gaze do seu vestido oriental a sua coxa bem torneada e a deliciosa curva da sua anca, ora os seus seios tumidos, erectos, d'uma rigeza que se podia verificar.

Todos os olhares estavam n'ella, mesmo d'aquillo que aos olhos dos nossos rijos avós não passava duma enxameação sem importancia — com um golpe de ar e tambem com falta d'elle, com uma indigestão e tambem com fome, com excessos as vezes e outras vezes por faltas, com bexigas, com sarampo, com influenza —, mas com um desdobraimento, meu Deus, será possível?

Eu sei, agora a serio, que, sobretudo desde que ha medicos-especialistas, se morre de tudo, mesmo d'aquillo que aos olhos dos nossos rijos avós não passava duma enxameação sem importancia — com um golpe de ar e tambem com falta d'elle, com uma indigestão e tambem com fome, com excessos as vezes e outras vezes por faltas, com bexigas, com sarampo, com influenza —, mas com um desdobraimento, meu Deus, será possível?

El' possível, é mesmo certo. Dilo a Associação Commercial, a Sociedade de Propaganda, a imprensa local, o dr. Eduardo Vieira, o dr. Antonio Leitão, o Barnabé, a Marrafa, o Octaviano — tanta gente a dizê-lo que no meu espirito não fica canto onde se possa apanhar a sombra duma duvida. Tãmanha a auctoridade das corporações e das individualidades citadas, que eu julgo já ver, no dia seguinte ao da publicação do decreto na folha official, os grandes órgãos de informação tarjarem de lucto, na desolação desta terrivel noticia:

Victimada por um desdobraimento, falleceu a sr.^a D. Coimbra Primeiro Centro Scientifico do Paiz.

E visto assim atravez a letra redonda, entre um violento R. I. P. e um compadecido *Que a terra lhe seja leve*, o desdobraimento assume no meu espirito proporções duma catastrophe pavorosa, onde ha clarões aterradores de incendios, fragores tragicos de desabamentos, escombros e ruinas, lagrimas e soluções.

Immediatamente, pelas mil boccas da Havas, a tragica nova voará celere ás cinco partes do mundo, espalhando por toda a parte a desolação e a piedade.

A imprensa universal succudirá o pó dos logares-communs com que se referiu á catastrophe de Messina, e assim, limpos e apropriados como se fossem feitos expressamente, organisá-los-ha em

J. P.

Declaração

Na reunião, no Centro Fernandes Costa, em que os comissionados, que a Lisboa foram instar junto do Ministro do Interior pela nomeação do Snr. Floro Henriques para o cargo de Comissario da Policia, dêram conta do seu mandato, eu, sendo um deles, disse o seguinte:

«O Ministro pediu que nós, comissionados, declarássemos concretamente o seguinte:

1.º — Que ele Ministro confirmava não ter avido no caso intuito de desconsideração para Floro Henriques;

2.º — Que oportunamente seria recompensado Floro Henriques pelo seu dedicado trabalho a bem da Republica;

3.º — Que o Governo procedera por razões imperiosas, razões, até, de ordem internacional; finalmente — que o Governo não recuava.»

Quem dissér que eu deturpei a verdade é tolo ou é patife.

(a) Emilio Martins.

Coimbra, 31 de Maio de 1911.

PEDRADAS

Na Alta, na Baixa, nos cafés, nos electricos, no cinematographo, á porta da Havaneza e á porta do Rodrigues da Silva, o desdobraimento é ainda e sempre o prato obrigado da conversa do filhote.

E querem os senhores saber o que se diz? Em resumo, isto: que Coimbra, decretado o desdobraimento, morre, estica pr'ahi como cão vadio com bõlo da policia.

Está a gente a ver Coimbra começar a perder a côr, a perder; as pernas a tremerem-lhe, a tremerem-lhe; o pulso a afriar, a afriar; e zás! cahir redonda, fulminada, sem um ai, sem um lamento. Tadinha!

Eu sei, agora a serio, que, sobretudo desde que ha medicos-especialistas, se morre de tudo, mesmo d'aquillo que aos olhos dos nossos rijos avós não passava duma enxameação sem importancia — com um golpe de ar e tambem com falta d'elle, com uma indigestão e tambem com fome, com excessos as vezes e outras vezes por faltas, com bexigas, com sarampo, com influenza —, mas com um desdobraimento, meu Deus, será possível?

El' possível, é mesmo certo. Dilo a Associação Commercial, a Sociedade de Propaganda, a imprensa local, o dr. Eduardo Vieira, o dr. Antonio Leitão, o Barnabé, a Marrafa, o Octaviano — tanta gente a dizê-lo que no meu espirito não fica canto onde se possa apanhar a sombra duma duvida. Tãmanha a auctoridade das corporações e das individualidades citadas, que eu julgo já ver, no dia seguinte ao da publicação do decreto na folha official, os grandes órgãos de informação tarjarem de lucto, na desolação desta terrivel noticia:

Victimada por um desdobraimento, falleceu a sr.^a D. Coimbra Primeiro Centro Scientifico do Paiz.

E visto assim atravez a letra redonda, entre um violento R. I. P. e um compadecido *Que a terra lhe seja leve*, o desdobraimento assume no meu espirito proporções duma catastrophe pavorosa, onde ha clarões aterradores de incendios, fragores tragicos de desabamentos, escombros e ruinas, lagrimas e soluções.

Immediatamente, pelas mil boccas da Havas, a tragica nova voará celere ás cinco partes do mundo, espalhando por toda a parte a desolação e a piedade.

A imprensa universal succudirá o pó dos logares-communs com que se referiu á catastrophe de Messina, e assim, limpos e apropriados como se fossem feitos expressamente, organisá-los-ha em

vibrante *Ultima Hora*, mudando-lhes apenas o titulo:

Coimbra, terceira cidade de Portugal, arrazada por um desdobraimento.

E a caridade universal, sensibilizada por todo o negro cortejo cortejo de horrores que virão empós, accudirá em auxilio dos sobreviventes, com avultados donativos de dinheiro e roupas...

Em Portugal, o *Seculo* e o *Diario de Noticias* appellarão para os nunca desmentidos sentimentos phylantropicos dos seus leitores; organizar-se-hão, de norte a sul, recitas kermesses, touradas e batalhas de flores, e até o Brandão Gomes, como de costume em casos analogos, dará para os sobreviventes uma caixa das suas afamadas latas de conservas...

Hadequê

THEATRO

Se o leitor espera encontrar aqui a critica severa e rigida, que provem do estudo e da observação, norteados neste sentido, faça favor de não lêr mais.

Não pretendemos um papel dirigente educador, para que nos faltam qualidades, numa sociedade onde não ha quem dirigir, quem educar.

Perderiamos o nosso tempo e seriamos liquidados sob os golpes inclementes dos criticos envidraçados que por ahí enxameiam, cheios de pretensão, de toleima e ignorancia.

Parece-me que até aqui tive leitor. Pois bem.

Vamos dizer as impressões que nos deixou o *Pae*.

Para mim foi das tres, a melhor noite. Concorda? Já por ahí ouvi dizer que a peça é nublosa e que nos deixa na duvida sobre a verdadeira paternidade da pequena.

E esta?!

O *Pae* é uma lucta de sexos, uma lucta entre o homem e a mulher.

Aquelle, intelligente, illustrado, cheio de nobreza e altivez, impondo-se pela razão clara e lucida; esta, pequena, estreita, sem qualidades, viciada por uma educação de confessorario e agua benta, apoderando-se d'elle a pouca e pouco com maucha, com hypocrisia, com finuras em que é indiscutivelmente mestra.

Strindberg é violento; é talvez vingativo.

A peça desenrola-se cheia de vehemencia, que atinge o seu maximum na scena entre a ama e o patrão, do terceiro acto.

Ha uma joven a educar. A mãe pretende educa-la á sua moda; o pae deseja dar-lhe uma educação consciente, moderna.

Sobre este eixo gira toda a pequena d'aquella mulher, que não exita em levantar a seu marido a duvida sobre a legitima paternidade da pequena, quando o seu desequilibrio nervoso é manifestamente qualquer coisa de loucura, affin de que d'elle se apoderasse essa ideia torturante, que vem a endoidece-lo completamente.

Depois de pôr em pratica estes deliciosos processos, conseguindo o seu desejo, faz-lhe vestir pela ama, que o embala com recordações da sua infancia, uma camisa de forças: E' a revoltante scena a que acima me refiro.

A peça termina entrando o homem no manicómio.

A mulher vencerá.

No desempenho, que foi excelente, não podemos deixar de frizar Ferreira da Silva que foi verdadeiramente assombroso na interpretação de tão difficil papel. Angela Pinto e Adalina Abranches são tambem dignas de applauso e louvores porque se honveram como era de esperar — muito bem.

J. P.

N. R. — A falta de espaço obrigados a retirar a apreciação sobre o *Envelhecer e Papillon*.

Eleições

Montou-se a machina eleitoral, e por todo o paiz ella fez deputados. O acto eleitoral decorreu calmo e sereno como um dia d'abril.

Não se notou, por todo o velho Portugal, aquelle fervilhar de paixões; nem se ouviu o som rouquenho dos caceteiros a despedaçarem as urnas, ou a partirem duas ou tres costellas aos eleitores. Tudo calmo, tudo sereno! Uma modorra immensa! Nalgumas partes ainda o entusiasmo rebrilhou, noutras, nada.

Mas forçoso é dizê-lo, e agora, tristemente o faço, as eleições não foram aquillo que o partido republicano queria na opposição, não foram o que todos nós sonhamos.

Imperou por quasi todo o paiz o cacique, o tão decantado cacique monarchico, feito agora republicano convicto e augmentado. Houve, é certo, mais algum senso, mas o significado moral foi o mesmo.

O partido republicano que no tempo da *Ominosa* tanto pregou contra os caciques, o partido republicano, triste é confessar-lo, serviu-se dos caciques.

A lei eleitoral prescrevia penas para esses cavalheiros, mas a lei não se applica e fica tudo como dantes.

No districto de Coimbra *caciqueou-se* valentemente, pediram votos e levaram eleitores á urna como nos Velhos Tempos.

Basta que vos diga que a lista do Directorio tinha de vencer, custasse o que custasse, ia nisso a gloria do sr. director geral d'instrução publica. As commissões partidarias apresentaram ao suffragio dos eleitores uma lista que não logrou ser approvada pelo Directorio, escolhendo elle uma a seu gosto e ao do sr. director geral d'instrução, sem consultarem as commissões e sem lhes darem satisfações. O Directorio quiz, e assim se fez.

Onde estás tu democracia que quero puxar-te as orelhas. Pois, para fazerem triumphar uma lista antipathica ao partido republicano de Coimbra, fizeram tudo! Serviram-se de tudo!

A lista ficou logo conhecida com o nome de lista dos *conselheiros*, em opposição á lista dos republicanos. Triste é dizê-lo, porque isso não honra nada os deputados por Coimbra feitos pelo Directorio, foram levados ao Parlamento, por padres, thalassas, conspirateiros e companhia. Filhos da Virgem, Sousa Gomes e companhia votaram no dr. Angelo!

Deixem-me perguntar-lhes: onde está a corrente republicana que os acompanhou?

Os senhores foram corridos. Os senhores não foram eleitos pelos republicanos de Coimbra, não podem, nem devem representar o partido republicano de Coimbra! Os senhores são os mandatarios dos thalassas de Coimbra e mais nada. O partido republicano de Coimbra ficou tristemente derrotado nas urnas. No entanto, elle andou mais alguma coisa, elegeu um deputado pela minoria. O dr. Pires de Carvalho é o unico deputado do partido republicano de Coimbra.

Nunca julguei que implantada a Republica na terra portugueza, se usassem ainda processos anachronicos e vergonhosos.

Nunca julguei que o reinado dos caciques ficasse persistindo!

Ah, mas eu vejo, sim, eu vejo, que a Republica, a nossa Republica, aquella que todos sonhamos e porque combatemos, não se fez ainda!

O nosso correligionario e amigo José de Mello Alves Brandão acaba de comprar em Cellas uma pharmacia que pertencia ao sr. Craveiro.

Oxalá que os proventos correspondam ao seu desejo, que é o nosso.

Pestana Junior e o partido republicano no Funchal

Fomos ha dias surprehendidos por uma noticia, que se não fosse a seriedade do nosso informador, nós não acreditaríamos: — Pestana Junior, o nosso amigo e dedicadissimo republicano, Pestana Junior, fôra expulso do partido republicano, sob as acusações de traidor aos principios republicanos, e de chefe d'um grupello politico monarchico!

Decisão esta, tomada pelas comissões politicas do Funchal, que declararam, que fariam sancionar este facto pelo directorio do partido republicano! De novo repetimos, só muito a custo acreditamos em tal noticia, mas por fim tivemos de nos render a evidencia dos factos. Era verdade, tal coisa tinha sido feita, tal resolução estava tomada!

Pouco conhecemos, por ora, a questão, que deu em resultado tão inesperado desfecho, mas muito conhecemos Pestana Junior, para desde já, e categoricamente, afirmar-mos, que ele não podia nunca merecer tal castigo e que portanto foi victima d'uma infamia.

Convencidos plenamente d'isso é que a vimos a publico collocarmos ao lado de Pestana Junior, para o defender-mos contra os seus calumniadores, em nome da nossa amizade, da justiça e da verdade.

Sabemos, perfeitamente, que procedendo assim, crearemos um inimigo em cada detractor seu; sabemos que procedendo assim, prejudicaremos os nossos interesses, e mesmo talvez a paz das nossas relações familiares, mas acima de tudo isto, acima do interesse e da comodidade, ha uma coisa, que admiramos e a que prestamos o mais fervoroso culto: é a justiça e porisso é, que em seu nome entraremos denodadamente na lucta.

Como acima confessamos, ainda não conhecemos a questão bem a fundo, para fazer-mos uma analyse bem cuidada de todos os factos; para rebater-mos um a um, todos os argumentos, apresentados como justificação, mais ou menos incompleta, do infamissimo procedimento das comissões politicas, mas muito em breve faremos isso.

Por hoje, limitamo-nos a referir, alguns factos, que já vieram ao nosso conhecimento e a respeito dos quaes podemos falar com segurança.

Lemos ha tempos no *Povo*, diario republicano, patrocinado pelo sr. dr. Martins, governador civil do Funchal e escripto por uns empregados da alfandega da mesma cidade, um artigo no qual se accusava Pestana Junior, de não ser republicano.

Este artigo, da responsabilidade da redacção porque não vinha assignado, causaria em todos que conhecem Pestana Junior, um gesto irrestivel de indignação, se não fosse profundamente cretino.

Custa a crer, que creaturas que se julgam inteligentes possam em tão pouco espaço amontoar tal quantidade de coisas, que deixam de ser más só para serem idiotas, que deixam de fazer nójo, para fazer sorrir.

Dizia-se n'ele, que Pestana Junior, não era republicano, era anarchista. Era anarchista, porque já uma vez, ha annos falando n'um centro republicano se declarára anarchista. Era anarchista porque, enquanto administrador do concelho tinha feito um logar perfeitamente anarchico.

Era anarchista, porque guerreava o governador, patrono do tal jornal, e portanto levantava dificuldades ao governo republicano.

Emfim que era anarchista por não ser republicano e que não era republicano porque era anarchista.

Partindo d'este lindo funda-

mento chegava em seguida á brilhante conclusão que não sendo republicano e dizendo-se tal, que o fazia para servir os seus interesses e as suas ambições de aventureiro.

Estamos na firme convicção, que o auctor do citado artigo não sabe o que quer dizer a palavra anarchista, e que está convencido, que ser anarchista é andar de bomba e arcabus na mão, pelas ruas, a apregoar a revolução e o extirminio da sociedade.

Na intelligencia luminosa do articulista repugna entrar; que um bom republicano se tenha declarado um dia anarchista e mesmo que ainda o seja; que admire o ideal defendido pelos anarchistas e que o repete libelo e digno de louvôr.

Pois nós declaramos-lhe, que sendo republicanos, que tendo trabalhado pela implantação da republica, que dispostos a dar a nossa vida, se tanto fôr preciso, pela sua conservação, tambem somos anarchistas, tão anarchistas, como o é Pestana Junior!

Reconhecemos a justiça d'essas doutrinas, mas igualmente reconhecemos, que elas só podem ser postas em pratica n'uma sociedade modelo; reconhecemos, que uma sociedade não pode chegar a esse grau de perfeição, por um decreto, mas sim pela evolução lenta segura de todos os seus membros; reconhecemos que essa evolução só pode ser proficuaente acelerada pela educação civica e pela instrução; reconhecemos que n'este dado momento da historia, os povos ainda estão longe d'esse terminus e portanto, como espiritos praticos, que não deixam artastar por uma exagerada phantasia, trabalhamos, amamos e defendemos a republica.

Estamos convencidos, que o auctor de tal artigo, se lhe perguntassem porque é que ele era republicano, responderia cretinamente: que era republicano por achar a republica uma forma idealmente perfeita para a felicidade dos povos, e não intellegendamente como o faria Pestana Junior: que era republicano por vêr que era essa a forma que mais praticamente se podia adaptar ao estado de desinvolvimento do povo portuguez, n'este momento da sua evolução.

Acusa-o portanto de anarchista, como se por esse facto ele podesse ser lançado a execração das pessoas honestas e com isso a unica coisa que consegue, é provar, que Pestana Junior é mais inteligente, que o seu infeliz calumniador.

Quando diz, que foi anarchicamente, que desempenhou o logar de administrador, dando aqui a este termo a significação de *desorientadamente*, esquece-se com maldade, que no logar, que Pestana Junior fez, se impôz, a todos os madeirenses, pela sua energia, trabalho e dedicação. Lembra a sua suspensão quando exercia esse cargo, mas não diz, que essa suspensão foi resultado da neurasthenia do governador civil, devida certamente a sua má disposição por estar n'essa ocasião n'uma situação dubia e vexatoria de subalterno do delegado especial da Republica.

Acusa-o de não ser republicano por guerrear o governador, como se este senhor fosse infalivel e não fosse, como toda a gente, susceptivel de errar. Pestana Junior tem levantado uma campanha contra o governador civil, exactamente por ser republicano, por ser fundamentalmente e sinceramente republicano. Porque sonhou uma republica como ela deve ser, perfeita republica, com processos novos, sem desfalecimentos, com energias e com justiça.

Uma republica democratica e não conselheiral, uma republica verdadeira e não uma monarchia mascarada!

Imbecilmente é tambem accusado Pestana Junior, de aventureiro ambicioso. Imbecilmente, disse e

repetiu, porque só uma logica de antropophago é que faria chegar a tal conclusão.

E' então ambicioso e diz-se republicano só por interesse, uma pessoa, que altiva e nobremente, ataca em nome da verdade, o governador, que declara guerra ás comissões politicas, que cria pelo seu desassombro inimigos em todos homens que o poderiam ajudar a subir, que fugista impiedosamente todos aqueles, que o poderiam auxiliar a grangear um logar preponderante, entre a sociedade funchalense. Então um homem, que assim procede é um ambicioso e uma creatura, que se quer arranjar afivelando uma mascara hypocrita?

Não sabemos se os jumentos raciocinam, mas se raciocinam devam chegar á mesma conclusão que o articulista.

Pois não seria mil vezes mais facil, para quem é aventureiro e só procura arranjar-se, o pôr-se bem com todos os que poderiam directa ou indirectamente auxiliar a sua ambição; curvar-se perante ordens sem as discutir; fazer-se servil, e lisongeiro; e visto que é hypocrita, deixar errar, elogiando o erro, para assim poder subir. Fingir que se identifica com as ideias da maioria, defendel-as apaixonadamente, convencer, os que o cercam, que tem n'ele o seu homem, o seu defensor, que não pensa por si proprio, mas cujo pensamento é a synthese dos pensamentos de todos? Aproveitar-se, depois d'esta illusão que arditosamente soube incutir no espirito dos outros, e firmando-se n'ela, tornar-se o chefe, o guia, e servido que seja sem precisar, já de auxilios alheios, poderá então revoltar-se, criticar, e combater. E' este o caminho de que se serve o ambicioso sem escrúpulos, é este o caminho diametralmente oposto ao que segue, altiva e corajosamente, Pestana Junior.

Se aqui nos referimos a este artigo, se lhe demos a gloria d'uma discussão é porque as pessoas que expulsaram Pestana Junior do partido republicano, concordam com a malevola e cretina forma de raciocinio do articulista e quem sabe, se mesmo as estupidas conclusões a que ele chega, tiveram uma influencia grande nos espiritos dos infamadores de Pestana Junior.

O facto de sua expulsão a que não quizemos dar credito a principio, por falta de explicação plausivel, que o tentasse justificar, antolha-se-nas agora claro e preciso.

Pestana Junior propunha-se como deputado ás Constituintes, propunha-se em opposição á lista patrocinada pelo governador e pelas comissões. Era um adversario de temer pela sua intelligencia, caracter e dedicação republicana, portanto resolve-se liquidar Pestana Junior, deital-o á margem, pô-lo de parte, e todos os meios são então julgados legitimos para o fazer.

Resolução vil de torpes politiqueros ingnorantes e sem escrúpulos.

Ingnorantes, porque desconhecem, que não tinham autoridade para o fazer, porque se esquecem que cáem em profundo ridiculo, pobres comissões politicas arrogando a si, poderes e atribuições de congresso.

Sem escrúpulos, porque mesmo, que praticamente a sua decisão, valor nenhum tenha, representa moralmente, o ataque de bandido, á mão armada, contra a honra e caracter d'uma creatura, que traiçoeiramente se procura deixar mal ferido n'esse campo desleal.

Mas ainda ha mais, feito o ataque, vibrada a punhalada assassina, ainda tem medo que Pestana Junior os esmague com a justiça vibrante da sua pena, receiam a discussão do seu proceder de bandidos e amordaçam-no, suspendendo o seu jornal.

Proibem a publicação do Ra-

dical onde Pestana Junior, se poderia defender, onde poderia fazer jorrar a luz sobre o escuro proceder que o tenta ferir, onde poderia mostrar bem a torpe intriga que o quer victimar.

Será isto o proceder de gente honesta e de caracter? Não, mil vezes não.

Por hoje terminaremos enviando um caloroso bravo a Pestana Junior e a todos os que o auxiliam e muito em breve voltaremos á carga.

Palva Lereno.

As reformas do ensino

Na obra dictatorial do governo não foi esquecido o ensino, reformado, á excepção do secundario, em diplomas successivos

Estes diplomas inspirados na maioria das suas disposições, no figurim francez, traduzem excellentes intenções que oxalá as circunstancias mais fortes que a vontade do legislador não façam sossobrar.

Etre o côro de louvores ao Reformador da nossa Universidade, foram recebidas as reformas de instrução meros esqueletos, por enquanto, de uma phase reorganizadora do ensino.

Sem desejarmos entrar na discussão circunstanciada das disposições d'estes diplomas, apenas queremos frizar a inutilidade das reformas, quasi reduzidas a méro réclame de ministro enquanto novos professores com novos processos e outro espirito pedagogico não ascenderem á regencia das cadeiras que constituem os diferentes quadros.

Esta verdade elemental parece que não passou desapercibida. Mas a forma porque se procura solucionar a questão, com novos processos de selecção docente, são quasi impotentes para atingir o alvo desejado. E as disposições da lei acerca dos professores assistentes agravam o mal, preparando terreno para o triumpho das mediocridades.

O processo das nossas escolas está feito; mas é necessario frizar mais uma vez males e defeitos, de todos conhecidos. O ultimo protesto, dirigido á escola que mais tristemente se assignalava no retrocesso, vibrante e energico como a alma d'aquelles que o fizeram, não ha muito ainda que aterrorizou pacatos cidadãos que aférem dos progressos pedagogicos, pelos lucros alcançados ao balcão, n'uma affirmação significativa.

A sahida de alguns professores foi indicada n'um gesto de cólera.

De uma forma simplista se annunciou a medida effizaz. Na sua substituição por outros idoneos para a difficilissima tarefa de ensinar se resume, afinal, a therapeutic que o caso requer.

Não desconhecemos as difficuldades de tal medida, a impossibilidade, talvez, de a tentar. Não é empreza facil improvisar professores dignos de nome, n'um meio como o nosso tão pobre de energias e competencias, além de tantas difficuldades.

Da execução integral das reformas depende, como é obvio, o seu exito. Enfermam ellas de alguns defeitos, e com melhor conhecimento de causa o diremos no que toca ao ensino do direito.

Muito tememos que o espirito pratico e positivo que se procura seguir na reforma, não venha a ser atraiçoado. Os velhos habitos pesam sobre nós como uma força que seria inutil occultar.

Não podemos descansar ocioso, callando reclamações e pondo de parte uma fiscalização necessaria.

E, confiamos no espirito renovador que parece agitar a sociedade portugueza, na febre illuminada das correntes genuinamente democraticas, que hão-de levar a cabo a transformação de educandos e educadores, fundamento indispensavel de uma boa democracia!

FORASTEIROS

Vindos de Lisboa onde se tinha realizado o IV congresso internacional do Turismo, (franco-luso-espanhol) chegaram a Coimbra no dia 20 de maio uns 130 excursionistas.

Eram gente do sul, latinos, cheios de vivacidade e alegria, gascões e castelhanos, sem a altivez secca dos inglezes nem a frieza alemã dos olhos claros; por isso o nosso povo os acclamou entusiasticamente como irmãos doutras terras vindos de longe contemplar a sua paisagem e a sua vida.

Pelas ruas debruadas de flores e folhagem as colchas de seda punham notas de côr nas fachadas das casas, lembrando aos espanhoes as ruas irregulares de Zamora e Salamanca em dias de procissões solemnes.

No jardim botanico sob a folhagem clara dos platanos envoltos na quentura do sol e a vista esbauida do Mondego aos pés entre o arvoredo da mata, almoçaram.

Depois repartidos em grupos sahiram da cidade. A uns levaram os automóveis pela fita sinuosa da estrada de Penacova entre montes agudos, pardos e oliveiras perdidas, com voltas bruscas do rio e áreas espelhando o sol, até ao alto da villa nessa paisagem do Rheno sem castellos feudaes a violar a sua virgindade millenaria.

Outros em trens seguiram a Santo Antonio e a Tovim por entre rêdes de oliveiras e manchieas de pinhal até ao *Picoto dos Barbados* olhando lá do alto todo o vasto círculo do horizonte que a serra da Louzã e a linha recta do Monte Vez cortando o ceu como um traço azul, limitam por um lado, seguindo o olhar em correrias de montes a alcançar o mar lá para baixo para o cabo Mondego onde a terra de longe já toma a côr do ceu.

Pela cidade muitos ficaram visitando igrejas, conventos, museus.

Da Universidade a Santa Cruz os olhos extasiados fizeram uma larga romaria com estações devotas ante as agulhas douradas do retabulo da Sé Velha e o poema de pedra branca do pulpito de Santa Cruz em que os anjos sorriem de encantados, fixando e levando de tudo na retina um traço delicado, uma linha de graça ou uma curva de portal.

Anoitecia; açodados os retardatarios corriam para o comboio admirando ainda a cidade que os olhava do seu amphiteatro de collinas.

E o meu coração deteve-se agrado a pensar que num seculo futuro a união dos latinos, a força latina, dominará o mundo como o dominára ha 20 seculos, contendo em respeito as hordas de barbaros loiros de olhar de aço.

V. C.

Annuncios

ABILIO LAGÔAS

54 - Praça do Commercio - 55

COIMBRA

Correspondente das Companhias Maritimas, da Companhia de Seguros de fogo COMMERCIO e INDUSTRIA e do BANCO DA COVELHA

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

DEPÓSITO DE SACOS DE PAPEL

Telephone 295

AUGUSTO LUIZ MARTHA

SABOARIA LUSITANA

SANTA CLARA Telephone n.º 162

COIMBRA

F. FRANÇA AMADO

LIVREIRO EDITOR

LIVRARIA E TYPOGRAPHIA COIMBRA

Grande sortido de livros nacionaes e estrangeiros. Administração da *Revista de Legislação e de Jurisprudencia* e do *Movimento Medico*. Assignaturas para todos os jornaes de Direito, Medicina, Modas, Litterarios e Artisticos; portuguezes e estrangeiros.

Correspondencia com todos os mercados do livro

SERVIÇO RAPIDO DE ENCOMENDAS

Casa J. da Fonseca

Praça 8. de Maio, 8 e 10 — Rua V. da Luz, 1

COIMBRA

Pianos GAVEAU

Bicyclettes B. S. A. e PEUGEOT

Machinas de costura NAUMANN

(PEÇA-SE CATALOGOS)

Accessorios para tudo. Instrumentos musicos, musicas, etc.

ALUGUEIS e VENDAS a prestações

Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Commercio e Industria

ECONOMIA GARANTIA SERIEDADE

Colchoaria Central

João Christostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA COSTAS

COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e de madeira, colchoaria

Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos deem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Machinas Singer para coser

ESCRITORIO

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

FILIAES:

FIGUEIRA DA FOZ — Rua da Republica, 8

CANTANHEDE — Rua da Estrada de Vagos

PAPELARIA BORGES

Além do sortido proprio de papelaria, escriptorio, desenho, etc., esta casa tem a melhor edição de

Bilhetes postaes illustrados do paiz, de Coimbra e districto, Serra da Estrella, Aveiro, Vizeu, Covilhã, Castello Branco, Beja e algumas villas, para o que aproveita sempre as melhores photographias e os assumptos mais escolhidos e proprios. Toma encomenda de trabalhos no genero a quem fornecer photographias ou outros modelos, podendo tambem encarregar-se da tiragem das photographias, para o que fornece preços a quem pedir. Apparelhos e mais material para Photographia. 2, R. Visconde da Luz, 6 — Coimbra

MARIA LOPES

Rua do Sargento Mór, 40 COIMBRA

Recebe COMMENSAES e faz preços convidativos

VENTURA B. D'ALMEIDA

COIMBRA { Rua do Sargento Mór, 50 a 52 Largo do Caes, 6, 6, 7, 8 e 9

Armazem de mercearia, metaes, trapo, pelles e sarro de vinho Telephone 230

Tabacaria Central

DE

Arthur L. V. d'Andrade 27, Rua Ferreira Borges, 29 COIMBRA Telephone 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados e BILHETES DE VISITA

A Constructora

Estrada da Beira — COIMBRA

Deposito de materiaes para construcções e

FABRICA DE LADRILHOS

CESAR CANTU

RESUMO DA HISTORIA UNIVERSAL

(UM VOLUME DE 850 PAGINAS)

Tradução portugueza por HORACIO POIARES, antigo professor e reitor do Lyceu Nacional de Macau, offerecida aos seus condiscipulos e amigos do Extremo Oriente

Poucas pessoas poderão comprar a HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, cuja edição portugueza é em 20 volumes, cada um dos quaes se vende a 16400 réis brochado ou 16700 réis encadernado. Porém todos poderão adquirir e ler um resumo d'essa monumental obra do grande historiador, universalmente conhecido e considerado dos primeiros, e ainda o primeiro sob o ponto de vista do merito moral e philosophica, constituindo o seu trabalho uma excellente preparação para o estudo da historia contemporanea.

O compendio da HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, do professor Juan B. Ensenal, resume em 850 paginas, toda a obra do grande historiador, e a repetição das suas edições mostra o successo que tem tido. Vae ser publicado em portuguez nas officinas do Commercio da Porto. Preço — pagamento adiantado, para quem se inscrever como assinante até 30 de Setembro proximo, 1\$200 réis, franco de porte. Depois de exposto á venda o preço será de 1\$500 réis.

A quem se responsabilisar por cinco exemplares será offerecido mais um gratis.

Todos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, em vale do correio ou carta registada, devem ser dirigidos ao proprietario e traductor:

HORACIO POIARES — (Districto de Coimbra) — Cantanheda, MIRA

São igualmente satisfeitos todos os pedidos vindos do Brazil, que sejam feitos por carta registada, devidamente lacrada, contendo uma nota de cinco mil réis, dinheiro d'aquelle Paiz, representando essa importancia não só o preço total do livro mas tambem o porte e registro do correio.

Egualmente se aceitam notas de qualquer outro Paiz ou Banco, remetidas da mesma forma de qualquer parte; sendo para esse effeito o preço, nas mesmas condições, tres rupias e meia na India, ou duas patacas e meia (reis 26000) no Extremo Oriente e America do Norte, em 7 francos, ou 7 schillings, ou 7 marcos, ou 7 pesetas; e correspondendo sempre a cada requisição de cinco exemplares mais um gratis.

Pede-se toda a nitidez na indicação dos nomes e endereços a todas as pessoas que nos quiserem honrar com a sua assignatura.

Em especial os pedidos do estrangeiro que não vierem acompanhados da respectiva importancia não serão satisfeitos; sem querermos com isto maguar pessoa alguma, e apenas simplificar o serviço da publicação.

LIVRARIA

F. França & Armenio Amado

EDITORES

R. Ferreira Borges, 77 a 91 COIMBRA Arco d'Almedina, 3 a 4

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionaes como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Lycens, Seminarios, Escolas Agricolas, Normaes e Primarias.

Encadernações em todo o genero. — Officina montada com machinismo moderno. Aceitam-se todos os trabalhos. — Grande sortido de papeis e envelopes, objectos de escriptorio e aprestes para desenho

Deposito da importante LIVRARIA PORTUENSE, de Lopes & C.^a Succ.

ACÇÕES DE DESPEJO de predios rusticos e urbanos (Decreto de 30 de Agosto de 1907) — Segundo as preleções feitas na Universidade pelo sr. prof. Dias da Silva. Separata dos Apontamentos de Processo, colligidos por A. F. Carneiro Pacheco. 300 réis.

Dr. J. Valerio, *Quid Petis?* — Recordações de um quintanista. — Elegante album contendo caricaturas de professores e estudantes da Universidade. — Livro muito proprio para offertas como recordação da vida academica. — 1 grande volume em edição de luxo. 1\$200 réis.

Dr. Lobo d'Avila Lima, *Da Concorrência Desleal*, 1 vol. 1\$200 réis.

A REVOLTA

Pela Patria e pela Republica

Jornal Republicano Academico

Anno 3.º

DIRECTOR — Emilio Martins
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Covas, 15

COIMBRA — 14 de Junho de 1911

Propriedade da Empresa da REVOLTA
Composição e Imp. CASA MINERVA, Avenida Navarro
ADMINISTRADOR E EDITOR: Arnaldo Sequeira

N.º 47

Os correligionarios caciques

Porque se conservava ainda a monarchia em Portugal, apesar de tão ferozmente combatida ha annos, apesar de ter perdido por completo as sympathias e o respeito do povo? Porque o paiz fosse monarchico? Não; o paiz não era monarchico, era quando muito indifferente.

Como se explica então que os republicanos perdessem as eleições quasi em toda a parte? A resposta é uma unica: —

Cacique.

Dita esta palavra está explicado o mysterio.

Não se fez portanto a republica ha mais tempo, em Portugal, porque o cacique o não permitiu.

Notem bem, não foi o povo, nem o exercito, nem o estrangeiro, nem o Paiva Couceiro, nem o Bombarden, nada d'isso, foi simplesmente um Zé Bello, um Miranda, um Tavares Proença ou outros, sob a habil regencia eleitoral do maestro Arthur Fervereiro.

Um povo evoluto detido na sua marcha evolutiva pela mão potente de meia dúzia de roceiros!

E não data de poucos annos a acção do cacique provocando a immobilisação e o retrocesso nacional. Ha muito já que elle vem sendo o cúmplice e o encobridor de todos os condottieri da politica.

Adherindo a tudo e a todos, n'uma perfeita transmutação, como camaleões, elles confirmavam sempre com o seu poderio todas as infamias e todas as traças que têm provocado o descalabro da nação.

Mas para que insistir, se a psicologia do nojento reptil ha de ser estudada um dia quando se fizer a serio o medonho processo do caciquismo em Portugal.

Para o caso baste-nos frizar de leve o seu papel nefasto para demonstrar bem a responsabilidade dos que acaso com elles se solidarisem.

Tem o partido republicano combatido sempre os delapidadores, os despotas e os traidores.

Que nome daria o povo aquelle republicano, ministro ou moço de esquina, que accoitesse a solidariedade politica de um homem d'esses?

Pois bem. O cacique tem sido a força d'esses criminosos, tem sido o amigo, o auxiliar precioso, tem sido o seu cúmplice na pratica de todos os crimes.

Quando o ministro adeantador e ladrão descia em palmilhas de meias á casa forte do thesouro

publico, adiante d'elle ia um homem com a lanterna na mão a mostrar-lhe o caminho.

Sabeis quem era esse homem? O cacique.

Quando os reis suffocavam debaixo das patas da municipal as aspirações de liberdade d'um povo heroico e oprimido, á frente da malta pretoriana ia um official galonado incitando-a á carnificina com nivos sinistros.

Sabeis o nome d'esse official? — O cacique.

Quando D. Manuel e os ministros vendidos planeavam chamar sobre nós o estrangeiro para argamassar o throno combatido com o sangue das nossas veias, pela janella do palacio aberta de par em par, ouvia-se um grito de aplauso, reforçado pelo rumor inconsciente de muitos milhares de vozes, que vinham lá de fóra, da noite escura e mysteriosa que cobria a terra portugueza.

De quem era essa voz, sabeis? — Do cacique.

Haverá ainda ali alguém, que não sendo cretino e presando a sua dignidade e a democracia se atreve a abrir os braços a esses criminosos?

Paiva Couceiro protesta contra as eleições e diz que a maioria dos eleitores se absteve.

Paiva Couceiro enganava-se: quem se absteve não foi a maioria, quem se absteve foram unicamente os caciques.

Raros, na verdade, foram á urna. Mas sabe acaso Paiva Couceiro porque se absteram os caciques?

Simplesmente porque alguns ainda não confiam na republica, fuzam tudo isto um sonho e estão na duvida d'uma restauração monarchica.

Outros, porque julgando-se indispensaveis estão á espera que os chamem, estão sobretudo á espera sabe de quê, Couceiro amigo? Da divisão dos partidos, combatidos em que apparecerá um homem com estomago bastante forte a quem possam encostar-se e que lhes pague os serviços.

Ora abi está porque se absteram.

Mas a abstenção não significa renuncia total, nada d'isso. A abstenção quer simplesmente dizer expectativa prudente, ver em que param as modas. Quanto mais, atimados com as ultimas eleições, não duvide um momento ingenuo Couceiro, que nas primeiras que houver elles lá não

estejam, apurados e promptos para a manigancia e para a chapellada.

Mas não, se elles lá forem não tem Paiva Couceiro que regosiar-se com isso, porque se tal succede é unicamente porque o governo e o directorio assim o querem.

E isto porque tanto um como outro os não destruíram como lhe cumpria, não quero já dizer que os reconhecessim e lhes passassem a mão por cima como a alguns, segundo dizem, succedeu.

O facto é que o cacique continua de pé e é um facto tambem que democracia com caciquismo o mesmo é que Zululandia. Viva portanto o correligionario cacique!

As bellezas da politica de atração dão d'estas contradicções engraçadas: um homem honrado e equiparado a um patife, e um filho abraça o matador do pae.

A Republica para os portuguezes? Está bem. Mas se republica quer dizer Liberdade e Fraternidade tambem quer dizer Igualdade e não ha nada que mais brigue com ella do que essa instituição ignobil em que uma vontade é igual á somma de mil vontades, em que um homem é senhor das consciencias de muitos homens.

Póde ser porém que os dirigentes não pensem assim, mas n'esse caso terão trahido o ideal que a tantos levou a expór o peito ás balas, e que roubou a tantos a luz da vida. Tudo póde ser afinal; mas n'esse caso, todos aquelles para quem alguma coisa existe n'este mundo de mais precioso que um osso ou uma garmella, todos os que não podem esquecer as horas amargas que lá vão, mas que não hesitarão em rivel-as de novo, para a completa realisação do ideal de justiça a que votaram de ha muito a vida, todos esses porão o seu corpo na balança para que não seja para o lado dos caciques e dos vendidos que ella se incline.

Porque se a republica afinal se fez para os homens continuarem com a mesma abjecção gregaria a marchar á voz do pastor, se depois de a monarchia ter acabado com a escravidão dos corpos, a republica não acabar com a escravidão das almas, não foi bastante tanto esforço e tanto sacrificio, tanta hora angustiada e tanta noite perdida, não foi sufficiente ainda o sangue derramado generosamente, é necessario continuar.

E continuar-se ha.

Luís Gumeiro

INDIGENAS



MIUDEZAS...

Decidira-se, numa bella manhã, antes da creada partir para o mercado, a lançar o seu projecto. A principio a esposa revoltou-se com aquella ideia estúpida de só comerem alfices como os grillos, mas acabou por ceder, para que elle a deixasse, acconchegando-se entre o desalinho dos cobertores. Elle continuou ainda por muito tempo desenvolvendo as vantagens do vegetarianismo: fallava em cellululas, em productos azotados, em succos gastricos, até que ella, cheia de somno e de fadiga, lhe voltou as costas, deixando a descoberto um hombro redmão e almofadado e de tão macia pelle que apeteceia mordiscal-o em dentadilhas amorosas.

As primeiras coupes do seu novo regimen alimentar comeu-as elle com a unção devota de quem papa a primeira hostia e deante do reconfortante roast-beef, que a mulher não dispensou, elle teve nauseas, citou Darwin, fallou de transformismo, evocou possantes animaes herbivoros, apontando com ternura o elephante e o boi. Ella languida e desdenhosa, sorria, e entre as ren-

das do seu roupão lilaz despontava um corno do seio, duro e branco, numa affirmacão poderosa das vantagens do beef em sangue sobre couve cozida.

Quando elle, ao cerrar da noite, regressou a casa para se deliciar com uns croquetes de nabo da sua invenção encontrou a mulher ao piano, ainda em roupão e cabelo mal atado, e junto d'ella o dr. Pires, medico da familia, ainda segundo primo, enterrado n'uma poltrona funda, com um ar lasso e vago de pessoa satisfeita, que depois de regalar a carne consola a alma com a harmonia doce da Reverte de Schuman. Foi n'elle um sobresalto aterrado. Veio logo direito d mulher, num accesso de carinho, interrogal-a, palpall-a, a querer ansiosamente saber se estava doente; se lhe tinha dado alguma coisa. Ella soceguou-o, na sua voz lenta e meiga, que parecia vir de muito longe: uma ligeira indisposicão, um leve ataque de nervos. Immediatamente o dr. Pires o tranquilizou tambem, passando-lhe amigavelmente um braço pelos hombros, que descansasse a seu caro primo, sua es-

posa soffria d'uma pontinha de neurasthenia, coisa leve, que requeria repouso e distração. Elle, dr. Pires, viria mais vezes e com o auxilio de sua fraca sciencia intentaria a cura.

Elle olhava a mulher, abatido e pesarosa, duas rugas tristes vincando-lhe de amargura a face gasta. Que desgosto, a sua mulhersinha doente! E virado para o dr. Pires, em cujo olhar moçamente azul fugiam alegres lampejos de ironia:

— É porque ella não quer, dr., é porque ella é teimosa... Só carnes! Se ella transigisse com as cowinhas, com os nabinhos, podia vender saúde!

Elle, ao piano ainda, deixava correr mollemente os dedos sobre as teclas, d'onde soavam melodias vagas, evocando paisagens longiquas e ternas: um lago azul, uma casinha branca, e o seu pensamento adulteramente fugia para longe, para ideias muito distantes dos nabos e das couves conjugaes. No entanto elle insistia junto do dr. Pires, que aprovava, sorrindo, todo aquelle enthusiasmo vegetariano, como derradeiro argumento do seu horror pela carne, elle declarou:

— Creia, dr., quando como um beef de boi, parece-me que estou comendo a minha propria carne!

No piano, um novo atropelamento de notas, a melodia vaga transformou-se n'uma Maria da Fonte alegremente sonora e fortemente martelada.

Vieira — 1911.

Efêce.

Ecos e comentarios

As colonias em drama

O sr. Augusto José Vieira num programma, que na Camara Municipal de Lisboa apresentou para as futuras festas da cidade, lembra que seria conveniente, como reclamo e propaganda, apresentar os nossos melhores artistas dramaticos desempenhando, num scenario apropriado, os papeis de café, algodão, cacau e outros acespipes colonias.

A idéa parece-nos limpa desde que o algodão seja hydrophilo e desde que a função termine com uma apothese ao dr. Ennes Ulrich, que poderá apparecer rodeado de moleques alados e carregados de livros como um doutor que é.

Paiz perdido

Portugal é um paiz perdido, positivamente!

Dá-se uma vaga e logo appa, rece uma chusma de pretendentes. E isto com os empregos que dão dinheiro, como com logares que dão simplesmente aposentação, honra, prestigio, nome.

Haja em vista o que aconteceu com a vaga deixada por Oliveira Mattos no parlamento português!

Quatro coisas

Ha tres coisas que um cavaleiro português não pôde ver sem abalo: a lamina d'uma espada, o castigo de Deus e as lagrimas duma mulher.

Deve acrescentar-se uma quarta coisa, que vem a ser — as cartas do sr. José Maria d'Alpoim no Primeiro de Janeiro!

A' boa paz

Porque alguém se esqueceu de no passado número deste periodico grifar certo adjectivo, hou-

ve quem parodiasse, em convulsões de graça, o verso primeiro dos *Luziadas*.

Como homenagem patuasca ao anniversario camoneano — vá de pachouchada.

De LISBOA

Um bravo pela difficil empreza de novamente *A Revolta* vir a publico.

Em Coimbra e entre rapazes estudantes, poucos são os que entendem deverem-se occupar a rabiscar prosa e arcar com as responsabilidades multiformes de um periodico. Mas *A Revolta* tinha precedentes animadores e recommendaveis. *A Revolta* nunca devia ter sido suspensa. Foi jornal nascido da luta e atirado para a luta. Luctou, luctou como soube, e luctou bem.

Destemidamente, desabridamente, sem reservas, sem piedade, sem complacencias, atirando a fundo e ás claras, de peito aberto e a fronte altiva, nós batalhámos n'elle. Ficaram lá os annos mais ardentes de muitos, a razão e a indignação de tantos, a fé e a revolta de todos. Fomos ás vezes deficientes mas nunca falsos, outras inexperientes mas nunca fracos, e onde não podiamos deixar um periodo burilado deixavamos a rudeza da verdade e a aspereza da luta, onde não ficava a sciencia ficava a intransigencia, onde não estava a palavra estava o coração.

A Revolta, symbolo do nosso passado revolucionario não devia, repito, ser suspensa.

Nenhum de nós é velho, nenhum de nós é conselheiro ainda. E quando assim não fosse bastava a realidade triste de *A Revolta*, não ter ainda chegado á méta, obtendo o fim.

A revolta e a revolução começaram, — a revolta e a revolução teem de findar, — e nem uma nem outra terminaram já.

A collaboração prometto-a, mas não com a assiduidade que eu queria.

Além de que a profissão e a vida lisboeta me sugam todo o tempo, parece-me não ter feito para entreter os vossos leitores e essa cidade que não pouco me tem aturado nos impetos da *Tribuna*. Aborreço-os e sou ingenio de mais.

Supponha-se que teria de apreciar as ultimas eleições de Coimbra. Só n'um jornal de minha inteira responsabilidade, que eu chamaria «O vergalho e a vassoura» por exemplo, tendo previamente aguçado o bico da bota. E shi andava eu aos baldões, vergalho aqui vergalho ali, o bico da bota em serviço, ora na cadeia ora na pharmacia ou no hospital, e na melhor hypothese nada mais conseguindo do que, desfeito o vergalho e arrombada a bota, deixar tudo como d'antes — quartel general em Abrantes, — annos de vida perdidos, etc, por não haver vassoura que podesse varrer todo o esterco para um montúto. Não desanimarei no entanto, e contarei commigo, sempre que possa.

De resto e por hoje. A festa a Camões fez-se, e imponente. Alguem diz que elle, commovido e estarecido, abriu o outro olho afinal. Outros que elle não era republicano e não gostava da festa, receando-se que desca do seu pedestal pesado, e uma vez acórdado, leve a sua espada ao Louceiro, a espada do morto, a espada redemptora, e então temo-la embrolhada.

Ha quem affirme ainda que os ratões que o cercam á volta do seu bronze, melindrados seria-

mente, envolveram-se em terrifica batalha com elle e hontem de madrugada. Devem ser gra-cejos.

Quanto a mim direi apenas que ouvi muita asneira em alguns discursos, porque se discursou a cada canto, e foi este assim o borrão da pintura. Perderam-se occasiões excellentes de estar callado.

E agora reparo — quem tem telhados...

Lisboa, 10 — VI — 911.

Antonio Napoleos.

A Gabeira

Assim intitulado está sendo publicado, em Vieira do Minho, um semanario defensor dos interesses da região, dirigido pelo nosso amigo Ernani Magalhães. As nossas felicitações.

PEDRADAS...

Ficou fóra do parlamento o dr. Cunha e Costa. Pelo circulo de Aveiro, onde elle disputava a minoria, foram eleitos, que me recordem n'este momento, o estudante de direito Alberto Souto, e o dr. Manuel Alegre.

A escolha d'este candidato, achava a muito, acertada, se para o parlamento se fosse defender a Republica a murro, ou ainda se as boas graças das potencias, como as das meninas Pires, se conquistassem com fadunchos a deshoras!

Em Coimbra, pelo menos, foi está a fama que deixou o dr. Manuel Alegre, aureolada d'uma carinhosa atmosphera de sympathia, que me é grato registrar: — valente como as armas e exímio guitarrista.

Quanto a Alberto Souto, vagamente se falla d'un congresso do partido, supponho que o penultimo, realisado em Coimbra, em que elle, com um captivante arsinho de *enfant gaté*, muito novinho ainda, assarapantou a assembleia com a apresentação d'um bem orientado projecto de reforma das escolas moveis. D'ahi, provavelmente, a supposição em que estão os seus eleitores de que, assim como Alberto Souto medrou no corpo, assim o seu modesto projecto de reforma das escolas moveis, medrará, avultará e preparará a exemplar projecto de Constituição.

Depois, nos titulos que por sem duvida recommendaram ao electorado de Aveiro as duas candidaturas em questão, ha a acrescentar o activo dos seus serviços ao partido, taes como trabalhos de propaganda, de organização partidaria, todas essas coisas que justificam a recompensa d'um logar de official do registo civil, mas nunca o que tem servido exactamente a justificar — uma candidatura.

E, visto que fallei em propaganda, quem a fez ahí mais intelligente do que o dr. Cunha e Costa? Não é elle, porventura, o primeiro jornalista da nossa terra e um dos nossos maiores oradores? Ou será Alberto Souto? Ou será o dr. Manuel Alegre?

Por isso me indignaria a derrota soffrida pelo dr. Cunha e Costa, n'um circulo em que a mediocridade dos deputados eleitos, a torna ainda mais affrontosa, se nove mezes de decepções e surpresas me não tivessem embotado para essa coisa que vulgarmente se chama «um viril assomo de indignação».

Não são, porém, os eleitores que eu culpo. O povo, hoje como hontem, a eterna besta, está por accaso á altura de poder aquilatar do alto valor intellectual do dr. Cunha e Costa? Pasmos e estranhos simplesmente que houvesse quem, tão desprovido de meritos, ou pelo menos tão pouco proyido d'elles, se apresentasse a disputar-lhe a candidatura.

E nem extranhar devia, afinal, porque se é sempre uma rara e apreciavel virtude, esta de a gente se conhecer, ella era materialmente impossivel nos antagonistas do dr. Cunha e Costa!

Indeque

P. S. — Depois de fechado o artigo, accode-me esta pergunta innocente: quantas centenas de pulhas riscariam o nome do dr. Cunha e Costa, com fundamento na sua pouca escrupulosa vida politica?

H.

Orpheon Academico de Coimbra

D'accordo com o aviso feito, reuniu-se domingo, ás 2 horas da tarde a assembléa geral do Orpheon.

Entre outras deliberações tomadas, a assembléa approvou as contas apresentadas pelo thesoureiro, respeitantes aos saíras realisados este anno em Lisboa, Porto, Santarem, Aveiro e Coimbra e bem assim as que se referiram a excursão a Paris, realisada em Abril findo.

Todos os documentos a que essas contas se referem, estão em casa do thesoureiro, sr. Mario Pina Cabral, rua da Esperanca, os quaes podem ser vistos todos os dias da 1. ás 5 horas da tarde.

A mesma assembléa resolveu expulsar do Orpheon os socios que, na occasião da ida a Paris, forem a Londres, com caracter official, visitar D. Manuel.

A GRANDE "SAISON" DE PARIS

A grande *saison* de Paris foi este anno, indiscutivelmente, um dos maiores acontecimentos artisticos em Franca.

Entretanto, ninguem no mundo o soube! Uma pequena minoria de privilegiados, pôde sentir e viver esses momentos de pura arte.

E quanta infelicidade, quanta tristeza, quanta dor se não esqueceria por esse mundo fóra, se cada um, pela educação e pelo sentimento vibrasse unisono com a natureza e sentisse bem no fundo d'alma a grandeza do seu trabalho, e tentasse, na medida do seu esforço, tirar d'ella os grandes ensinamentos e aproveitar os prazeres que a todos dá, sem privilegio para ricos.

Quanta magua esquecida em frente da immensidade do mar ou da magestade selvagem das montanhas!

Quanta alegria, quanta vida se não ganha numa manhã de primavera fresca e perfumada, olhando a terra fecundante, cheia de seiva, produzindo o pão que comemos, as flores que alegrem a nossa meza e aromatizam o ar da nossa casa!

Como é bom perder-se a gente de vista numa tarde de outomno serena e calma apenas perturbada pela queda d'uma folha por entre a ramaria secca, por uma lagartixa ou por algum passarito alegre, que canta saltando de ramo em ramo!

O culto da belleza é a criação d'um mundo ideal onde as proprias coisas parecem viver e pensar; é a sciencia tornada sentimento; é o presentimento e como que a visão da Verdade como a nossa razão a deseja, como o nosso idealismo a sonha!

Infelizmente o homem cultiva pouco a arte.

O seu egoismo obriga-o a pensar constantemente em si e na sua defesa. Defende-se da natureza com commodidades e confortos e do seu semelhante organizando-se em sociedade e multindo-se d'armas.

— Enquanto a vida do homem não fór mais do que isto, elle

não passará d'um ser inferior melhor defendido que os outros.

É preciso que a sua attenção o faça esquecer de si, concentrando-se na Natureza e suas leis, que não conhece, e nos phenomenos e suas causas que não explica. Então, desvendado o mysterio, conhecido o incognoscivel o homem será alguma coisa mais. Dirá aos outros homens as leis que descobriu; demonstrará que é verdade o que affirma. Mas... dos outros, a quasi totalidade não o comprehenderá.

É preciso então que o coração e o sentimento expliquem o que o cerebro não atinge.

A sciencia para se completar a si mesma precisa da arte: porque na arte ha uma sciencia; na sciencia ha alguma coisa de arte; arte e sciencia completam se e exprimem a Vida, vida que não é uma lucta, um esforço, um conflito, mas a harmonia, a paz, o amor!

Infelizmente, como disse, o homem cultiva pouco a arte. Talvez tenha as suas razões. Elle lá o sabe.

Felix Weingartner dirigiu este anno a orchestra Colonne, no theatro *Chatelet*, na execução das nove symphonias d'esse musico colossal, que é Beethoven.

Felix Weingartner alcançou um logar dos primeiros senão o primeiro entre os chefes de orchestra mundiaes.

É um espirito philosophico, dispõe d'uma erudição intelligente e d'um gosto fino e delicado na interpretação dos grandes musicos. Regia aos vinte annos a orchestra do theatro de *Königsberg* (cincoenta annos antes era regida por Wagner); alguns annos mais tarde dirigia a Opera de Berlim e os grandes concertos symphonicos da corte; depois dirigiu o *Kaim-Orchestra de Munch* e por fim dirigia a Opera Imperial de Vienna.

Foram as tres primeiras symphonias que eu ouvi sob a batuta enérgica d'este grande musico. Algumas impressões dispersas, é tudo quanto resta em mim, da melhor *soirée* musical da minha vida. No entanto, talvez que coordenadas tenham alguma coisa de interessante, de novo, de inédito.

Sobre as symphonias de Beethoven ha muitos livros escriptos. Alguns d'elles me serviram talvez neste momento auxiliando-me a memoria na recordação d'essas symphonias que são qualquer coisa de muito grande para a minha cabeça que tem cinquenta e quatro centímetros e meio de circunferencia.

(Continúa) o mos enquis mav

J. P.

Dr. José de Vasconcellos

Os seus amigos receberam já as primeiras noticias suas, vindas de Cabo Verde, onde o distincto tenente medico se encontra.

Solução de honra

Pedem-nos a publicação do seguinte:

No dia 9 do corrente, reuniram-se em casa do sr. João de Lebre e Lima, os srs. Emilio Martins e Armando Marques Guedes, como representantes do sr. Alfredo Santos, e os srs. Hippolyte Raposo e João de Lebre e Lima, como representantes do sr. Antonio Sardinha, afim de, constituídos em tribunal de honra, apreciarem umas suspeições levantadas ha tempos pelo sr. Sardinha, contra o sr. Santos, suspeições estas, fundamentadas ellas, em simples boatos.

Em face da incerta prova documental apresentada pelos representantes do sr. Santos, os quatro membros d'esse referido tribunal, concluíram: que os fundamentos da alludida pendencia, eram insubsistentes uns e inexistentes outros, julgando por isso a questão liquidada, quanto aos poderes que lhes foram commettidos, como consta da acta firmada pelos quatro referidos representantes.

SECÇÃO LITTERARIA

Os buzios

Collóco um buzio ao meu ouvido e escuto: O rumor melancolico do mar, Oitavas de Cambes ao Cabo hirsuto, Noivas de marinheiros a rezar...

E é toda espuma a rir a voz saudosa, A voz longinqua que traduz presagios: ...Ao largo, sob o Azul, na curva aquosa Ha sonhos a morrer, ancias, naufragios...

E a voz do mar nos concavos reboia... E em balde o meu Desejo arqueando vóia, Paira ao luar... rasteja areas sedentos:

Genio de aguia a viver nas tempcstades, Em nevoas esgarçando-se nos ventos, Crepusculos em dóbres de saudades...

Mario Beirão.

INSIDIA DESFEITA

No n.º 309 da Defesa publicara-se o seguinte:

Nun periódico que agora ai reapareceu, orgão da academia autonoma e do Gremio Revolta, chama-se num artigo de fundo, sem fundo algum, a todos os combricenses, fraldiqueiros e malandretes como lhe chama o fulgurante articulista. Que lhe agradeçam os associados de aquelle gremio, alguns combricenses; os collegas carbonarios, alguns tambem da terra, e por ultimo o editor e administrador d'aquelle jornal, o sr. Arnaldo Mallo Sequeira, que cremos na terra de fraldiqueiros e malandretes nasceu vice, tem familia, creou interesses e viverá. Que agradeçam todos os articulista o mimoso rlogio que para cumulo de amabilidade até começou por gente lá de casa. Supega!

Falsidade, chulice, pachouchada, infamia — tudo argamassado em lodo e baba!

(Houve um conselheiro, a propósito, que garantindo ser verdade, a informação dizia: «Qu eu não sei ler!»)

Pois não sabe ler o dianho do homem!

Do caso foram ezijidas responsabilidades. Comprometeu-se o director da folha em questão a uma rectificação completa.

E no n.º 310 da dita gazeta vem isto:

No numero anterior, sob o titulo Que lhe agradeçam, publicou a Defesa um sueltto em que se dizia que um periodico academico, agora reaparecido nesta cidade, chamava, no artigo de fundo, a todos os combricenses fraldiqueiros e malandretes.

Era a Revolta que o sueltto se referia, mas não temos duvida alguma em reconhecer um erro) com menos exactidão. O artigo da Revolta não se refere a Coimbra, especialmente, sendo de ordem geral a critica que nelle se faz á terra portugueza.

Erro reconhecido na opinião de quem rectificou.

Em nossa opinião — insidia desfeita, sem consequencias de maior!

Al fica simples rejisto do caso para governo nosso.

AVIZANDO

Informam-nos de que na estação dos correios e telegraphos dois empregados correm perilhas mastigando os peores insultos á Republica e a antigos e dedicadissimos republicanos.

Podiamos apontar-lhes o chamado e reclamar, a quem de direito, o correctivo correspondente.

Confiam eles na dadiroza generozidade da Republica, dia e dia documentada.

Al fica, todavia, o aviso.

"A REVOLTA"

Jornal Republicano Academico

Uma carta

Meus amigos. — Chegou hontem ao meu conhecimento que alguém se quizdria de que um membro da Commissão de reforma da Universidade — um anarchista Marques Guedes — não protestara contra a reforma dos estudos juridicos no seio da Commissão e se julgára depois no direito d'andar por fóra criticando-a e amesquinhando-a.

Eu não sei se esse alguém se refere ao artigo que V. V. no ultimo numero publicaram e que eu só conheci quando recebi o jornal ou se tinha como base de luez algumas palavras indiseretas ou falsas de qualquer trapaceiro profissional.

Seja, porem, como fór, o que eu quero é extranhar que haja quem seja capaz de censurar a minha attitude d'irreprehensivel correção em toda essa questão da reforma.

Eu não pude comparecer a essa sessão da Commissão, da qual, de certo, eu andava arredado, tendo contido manifestado ao meu amigo Byssais Barreto a intenção de lá voltar quando se discutisse a reforma de direito. Esperava que me mandassem o projecto como tinham feito para os outros capitulos da reforma universitaria.

Como o não fizeram, eu não soube quando a nova organisação da faculdade de direito foi discutida. Isto mesmo já eu disse ao professor Daniel de Mattos.

Apesar de tudo, julguei-me na dever de não discutir essa reforma que eu não fora estudar ao seio da Commissão.

Se alguma vez me desviei d'esta linha de correcção, que a mim mesmo tracei, foi para, numa carta em A Defesa, elogiar o espirito que animo tal reforma, embora entendia que ella era impropria, enquanto se não fizer a selecção dos professores e se não prohibirem novas matriculas antes de acabar o periodo transitorio.

Surge agora essa accusação, em que eu até appareço, como que para me amesquinhar — de que não serão elles capazes? — transformado em anarchista, abandonadas as ideias conservadoras que os meus correligionarios má não levam a bem.

On tal accusação é baseada no artigo do ultimo numero do vosso jornal e é infundada, porque não fui eu quem o escrevi ou nascen da intriga pouco escrupulosa de creaturas, que medem a honra alheia pela propria e é mentirosa e des-honesta.

Neste ultimo caso, eu convengo-me em fim — ingenuo que tenho sido! — que ha effectivamente neste meio muitos pulhas capazes d'inventar torpezas e muitos outros, tão honestos como elles, que d'anno leve as accetam como boas.

Sempre ao vosso dispor, o vosso correligionario e amigo

Armando Marques Guedes.

ALERTA!

Proclamou-se a Republica ha oito mezes. A sua obra é já enorme e, todavia, muito ha ainda que fazer; ha quasi tudo que fazer até.

Se aquelles, que com o seu esforço a proclamaram, não se mantiverem vigilantes em armas, os cabotinos e varios camaleões depressa terão occupado todas as posições estrategicas e será forçoso fazer outra revolução, muito mais sangrenta, para desalojar os intrusos que tanto se empenham em enveneriar a demotracia nascente.

Os atropelos nos são princel-

plos democraticos, que propalamos e accusamos na opposição, são o pão nosso de cada dia; é o poder central esquecendo a cada passo a vontade local; é a intriga mesquinha com fóros de cidade a dirigir a acção dos governantes; é o caciquismo triumphante tripudiando sem decôro, animado, ou até solicitado por individuos altamente collocados; é a vingança tórpe, a calunnia soez, o boato adrede lançado, a carta anonyma enredadôra; é tudo o que possa ferir, magoar e pôr fóra de combate os que tiveram coragem para lutar acerrimamente na opposição e que agora tem a veleidade de envidar os seus esforços para que a Republica seja mais alguma coisa do que um governo sem rei.

Só por isso não teria valido a pena tanto trabalho, tanto sacrificio, tanto sangue.

A Republica tem que ser mais alguma coisa. Somos nós, os novos, aquelles a quem, pela ordem natural das coisas, incumbe velar porque se realize aquillo que foi o ideal sagrado de tantos que em holocausto, nos aros da Patria, offereceram toda a sua energia em prol da regeneração da nossa patria. Congregemos todos os nossos esforços, formemos resolutamente uma muralha em torno dos seus principios, façamos da democracia pura uma religião, sejamos os seus apóstolos denodados; definamos a nossa attitude, intransigente, raciocinada e critica, estejamos todos de atalaia, de armas aperradas, de guarda ao templo augusto da Liberdade.

Não esmoreçamos perante os insidiosos estratagemas dos vulpinos covardes que rastejam como reptis na sombra, babando, quando não podem morder, os que lhes não toleram que se pavoneem, sendo ridiculos galhos, ou que digiram sem contestação as benesses com que a Republica os brindou sem ninguém saber bem porquê.

Estejamos vigilantes, e para a frente.

Por ora ainda é facil fazel-os arripiar caminho; amanhã poderá ser tarde.

Pestana Junior e o partido republicano no Funchal

II

No ultimo artigo, que aqui publicamos, sob esta epigrapha, prometemos que ao voltar á carga trataríamos de analysar os fatos detidamente e tão cuidadosamente, quanto o conhecimento da questão nos permitisse.

N'esse proposito e para que a nossa exposição resulte clara, vamos em primeiro lugar historiar nos seus traços geraes, a acção de Pestana Junior, desde a sua chegada ao Funchal e conjuntamente observaremos a acção dos seus atuais detractores, para d'esta forma, seguirmos toda a questão, frisando, tão sómente, n'este breve relato, os fatos, que de perto, ou de longe, julgamos, se relacionam com a sua actual situação para com os seus correligionarios funchalenses.

Começemos.

Pestana Junior, chegou ao Funchal, a meados de Setembro, levando consigo além da sua carta de bacharel em direito, todo o fogo da sua mocidade, toda a fé das suas convicções arriçadas e toda a energia e tenacidade revolucionarias, que todos nós, aqui em Coimbra, tantas vezes lhe vimos provar, já na greve academica de 1906-1907, já na organisação revolucionaria que se seguiu a essa greve, já na preparação para o 28 de Janeiro, já na formidavel organisação secreta, que teve como resultado a refulgente aurora do 4 e 5 de Outubro.

Chegado ao Funchal, com todo este passado, que bem alto pugnava pelo seu valor, foi recebido, por todos os republicanos de lá, de braços abertos e com o carinho, que bem justamente merecia o seu caracter, a sua intelligencia e a sua provadissima dedicação republicana.

A organisação do partido local, era então, mais do que deficiente, era perfeitamente nula. Não, que faltassem boas vontades, porque as havia, não, que faltassem dedicações, porque eram muitas, não, porque não houvesse republicanos, porque as eleições no Funchal, demonstravam sempre o contrario. O que faltava, o que não havia, o que tornava nulos todos os esforços e sacrificios, era a falta do organisador, do dirigente, do guia, que intelligentemente, fizesse tender todas as vontades e energias, para um determinado ponto, transformando-as assim em força.

Não queremos com isto dizer, que o homem que então estava á frente do partido, fosse por completo incompetente. Conhecemos pessoalmente o sr. dr. Martins, e seríamos injustos para com elle se tal dissessemos. A desorganisação do partido resultava dum conjunto de circunstancias, que se em parte eram devidas a este senhor, tambem o eram a muitos outros.

A esta conclusão, chegamos nós, devido mesmo a palavras, que por ele nos foram dirigidas quando conversámos sobre essa desorganisação. — Que era verdade, dizia-nos ele, que nem sabia, quem eram os republicanos do Funchal, que via sempre inumeros votos sem saber d'onde vinham, mas que sósinho não se sentia com forças para reorganisar o partido e que portanto nada poderia fazer até aí, mas que agora com vocês a ajudarem-me alguma coisa se hade fazer!

Note-se que este vocês, se referia á nossa humilde pessoa, a Pestana Junior, a Gonçalves Preto e á outros bons rapazes, tambem republicanos e que tinham lá chegado, bachareis em direito.

O sr. dr. Martins, actual governador civil, com a ajuda d'estes elementos resolveu fazer alguma coisa e alguma coisa se fez.

Inaugurou-se o centro republicano Manuel d'Arriaga, onde se inscreveriam todos os republicanos que lá houvesse, e seria por esta inscrição, que se faria o recenseamento eleitoral. N'esta inauguração falou entre outros, Pestana Junior.

Continuando na mesma ordem de ideias, de se fazer alguma coisa, iniciou-se uma serie de conferencias de propaganda republicana e entre outros foi conferente Pestana Junior.

A meio d'estes trabalhos de reorganisação, foram surpreendidos pela vibrante voz da revolução que proclamou a republica a 5 de Outubro.

A essa data já nós não estávamos no Funchal, mas pelas noticias da imprensa continuaremos a reconstituir os fatos.

Proclamada a republica foi o sr. dr. Martins nomeado governador civil, e Pestana Junior, occupou o lugar de administrador do concelho.

Até aqui, tudo bem, tudo harmonia e amizade. Pestana Junior para o governador civil, era o homem de confiança, o homem serio, o nôvo a quem se dá um lugar de responsabilidade pela sua intelligencia e valor.

O governador começa a governar, Pestana Junior começa a administrar. Surge a epidemia do colera. E' necessaria muita energia, muita decisão, muita co-

ragem, não só para combater o terrivel flagelo, mas tambem para combater a ignorancia desorientada d'um povo, que n'essa doença não vê senão um manejo politico.

O governador, que já como acima dissemos, não encontrava em si energia suficiente para a reorganisação d'um partido, sente de novo essa falta de energia. Hesita, atrapalha-se, desorienta-se, e pelo seu proceder, passa-se um atestado de incompetencia. Incompetencia esta, tão frisante, que o governo da republica vê-se obrigado a enviar para lá um delegado especial, o sr. dr. Alfredo Magalhães.

A este tempo, Pestana Junior, trabalha, luta, vê-se obrigado a empregar medidas excepcionaes, mas necessarias e pela sua actividade, trabalho e intelligencia, provoca em todos a maior admiração.

Impõe nitidamente, por esta forma a sua personalidade e a do governador passa para um plano secundario.

Começa o céu a toldar-se.

Para o governador, Pestana Junior, agora é já aquele que faz sombra, é já o adversario feliz que é preciso liquidar, é já a nuvem negra!

A luz fulgurante que cerca a personalidade d'ele, faz desmaiar vergonhosamente a palida claridade que a sua ainda tenta irradiar.

E' preciso, de qualquer forma, obscurecer-lha, é necessario, seja de que modo fór, que ele governador, volte de novo a occupar o logar primacial, que perdeu.

Faz-se então eco de calunias forjadas por intrigantes invejosos e suspende por 30 dias Pestana Junior!

Este respondendo com altivez a esta injustiça, demite-se.

Assim se conservam as coisas até findar a epidemia, porque Pestana Junior com a sua lucida intelligencia reconhece, que durante esse periodo doloroso, toda a luta, não faria senão levantar dificuldades ao combate formidavel travado com a terrivel doença.

Espera portanto, como bom republicano, como bom cidadão e mostra assim a sua grandesa de carater, sabendo antepôr o interesse geral ao seu proprio interesse, que reclama uma rapida e energica defesa.

(Continua).

Annuncios

ABILIO LAGÔAS

54 - Praça do Commercio - 55

COIMBRA

Correspondente das Companhias Maritimas, da Companhia de Seguros de fogo COMMERCIO e INDUSTRIA e do BANCO DA COVILHA

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

DEPOSITO DE SACCOS DE PAPEL

Telephone 255

AUGUSTO LUIZ MARTHA

SABOARIA LUSITANA

SANTA CLARA Telephone n.º 162

Armazem de Papel e Chá

Deposito de Bolachas e Massas

22, P. do Commercio, 26 Telep. 11

COIMBRA

Antonio Napolés e Ramada Curto ADVOGADOS LISBOA

ESCRITORIO

Rua Nova do Almada, 59, 2.º

F. FRANÇA AMADO

LIVREIRO EDITOR

LIVRARIA E TYPOGRAPHIA

COIMBRA

Grande sortido de livros nacionaes e estrangeiros. Administração da Revista de Legislação e de Jurisprudencia e do Movimento Medico. Assignaturas para todos os jornaes de Direito, Medicina, Modas, Litterarios e Artisticos; portuguezes e estrangeiros.

Correspondencia com todos os mercados do livro

SERVICO RAPIDO DE ENCOMENDAS

Casa J. da Fonseca

Fraça 8 de Maio, 8 e 10 — Rua V. da Luz, 1

COIMBRA

Pianos GAVEAU

Bicyclettes B. S. A. e PEUGEOT

Machinas de costura NAUMANN

(PEÇA-SE CATALOGOS)

Accessorios para tudo. Instrumentos musicos, musicas, etc.

ALUGUEIS e VENDAS a prestações

Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Commercio e Industria

ECONOMIA GARANTIA SERIEDADE

Colchoaria Central

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARGO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA COSTAS

COIMBRA

Armazens de moyeis de ferro e de madeira, colchoaria

Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos deem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobílias em mogno e nogueira americana,

para salas de jantar, visitas e quartos de dormir

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Machinas Singer para coser

ESCRITORIO

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

FILIAES:

FIGUEIRA DA FOZ — Rua da Republica, 8

CANTANHEDE — Rua da Estrada de Vagos

PAPELARIA BORGES

Além do sortido proprio de papelaria, escriptorio, desenho, etc., esta casa tem a melhor edição de

Bilhetes postaes illustrados do paiz,

de Coimbra e districto, Serra da Estrella, Aveiro, Vizeu, Covilhã, Castello Branco, Beja e algumas Villas, para o que aproveita sempre as melhores photographias e os assumptos mais escolhidos e proprios.

Toma encomenda de trabalhos no genero a quem fornecer photographias ou outros modelos, podendo tambem encarregar-se da tiragem das photographias, para o que fornece preços a quem pedir.

Apparelhos e mais material para Photographia.

2, R. Visconde da Luz, 6 — Coimbra

MARIA LOPES

Rua do Sargento Mór, 40

COIMBRA

Recebe COMMENSAES

e faz preços convidativos

VENTURA B. D'ALMEIDA

Rua do Sargento Mór, 50 a 52

Largo do Caes, 5, 6, 7, 8 e 9

Armazem de mercearia,

metaes, trapo, pelles

e sarro de vinho

Telephone 230

Tabacaria Central

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29

COIMBRA

Telephone 270

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, e

BILHETES DE VISITA

A Constructora

Estrada da Beira — COIMBRA

Deposito de materiaes para construcções e

FABRICA DE LADRILHOS

CESAR CANTU

RESUMO DA HISTORIA UNIVERSAL

(UM VOLUME DE 850 PAGINAS)

Tradução portugueza por HORACIO POIARES, antigo professor e reitor do Lyceo Nacional de Macau, offerta aos seus condiscipulos e amigos do Extremo Oriente

Poucas pessoas poderão comprar a HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, cuja edição portugueza é em 20 volumes, cada um dos quaes se vende a 18400 réis brochado ou 18700 réis encadernado. Porém todos poderão adquirir e ler um resumo d'essa monumental obra do grande historiador, universalmente conhecido e considerado dos primeiros, e ainda o primeiro sob o ponto de vista do mérito moral e philosophico, constituindo o seu trabalho uma excellente preparação para o estudo da historia contemporanea.

O compendio da HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, do professor Juan B. Ensenal, resume em 850 paginas, toda a obra do grande historiador, e a repetição das suas edições mostra o successo que tem tido. Vae ser publicado em portuguez nas officinas do Commercio do Porto.

Preço — pagamento adeantado, para quem se inscrever como assignante até 30 de Setembro proximo, 18200 réis, franco de porte.

Depois de exposto a venda o preço será de 18500 réis.

A quem se responsabilizar por cinco exemplares será offerecido mais um gratis.

Todos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, em vale do correio ou carta registada, devem ser dirigidos ao proprietario e traductor:

HORACIO POIARES — (Districto de Coimbra) — Cantanhede, MIRA

São igualmente satisfeitos todos os pedidos vindos do Brazil, que sejam feitos por carta registada, devidamente lacrada, contendo uma nota de cinco mil réis, dinheiro d'aquelle Paiz, representando essa importancia não só o preço total do livro mas tambem o porte e registro do correio.

Equamente se aceitam notas de qualquer outro Paiz ou Banco, remetidas da mesma forma de qualquer parte; sendo para esse effeito o preço, nas mesmas condições, tres rupias e meia na India, ou duas patacas e meia (reís 24050) no Extremo Oriente e America do Norte, em 7 francos, ou 7 schillings, ou 7 marcos, ou 7 pesetas; e correspondendo sempre a cada requisição de cinco exemplares mais um gratis.

Pede-se toda a nitidez na indicação dos nomes e endereços a todas as pessoas que nos quiserem honrar com a sua assignatura.

Em especial os pedidos do estrangeiro que não vierem acompanhados da respectiva importancia não serão satisfeitos; sem quereremos com isto maguar pessoa alguma, e apenas simplificar o serviço da publicação.

LIVRARIA

F. França & Armenio Amado

EDITORES

R. Ferreira Borges, 77 a 81 COIMBRA Arco d'Almedina, 2 a 4

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionaes como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Lyceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normaes e Primarias.

Encadernações em todo o genero. — Officina montada com machinismo moderno.

Acceptam-se todos os trabalhos. — Grande sortido de papeis e envelopes,

objectos de escriptorio e aprestos para desenho

Deposito da importante LIVRARIA PORTUENSE, de Lopes & C.^a, Suoc.

ACÇÕES DE DESPEJO de predios rusticos e urbanos (Decreto de 30 de Agosto de 1907) — Segundo as preleções feitas na Universidade pelo sr. prof. Dias da Silva. Separata dos Apontamentos de Processo, colligidos por A. F. Carneiro Pacheco. 300 réis.

Dr. J. Valerio, *Quid Petis?* — Recordações de um quintanista. — Elegante album contendo caricaturas de professores e estudantes da Universidade. — Livro muito proprio para offertas como recordação da vida academica. — 1 grande volume em edição de luxo. 18200 réis.

Dr. Lobo d'Avila Lima, *Da Concorrência Desleal*, 1 vol. 18200 réis.

A REVOLTA



Pela Patria e pela Republica

Jornal Republicano Academico

DIRECTOR — Emilio Martins

Anno 3.º

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua das Covas, 15

COIMBRA — 21 de Junho de 1911

Propriedade da Empresa da "REVOLTA"

Composição e Imp., CASA MINERVA, Avenida Navarro

ADMINISTRADOR E EDITOR: Arnaldo Sequeira

N.º 48

Palavra sagrada

Semelhantes aos apóstolos legendarios de longos cabellos a nazarena, passavam em bandos, ás revoadas, fazendo estremecer até aos alicerces o velho edificio de oito seculos, com o ribombar d'uma eloquencia facil, que um grande sopro de verdade animava.

Em vez das columnas dóricas do Parthenon, como a de Paulo em Atheos, eram as arvores raras da campina lusitana que repercutiam o echo das suas vozes.

As multidões corriam apoz elles a ouvir a boa nova, a nova fé que conquistava os corações pela suggestão irresistivel do exemplo, pela acção sinuosa do contagio por imitação.

Era uma creença simples, exposta ao ar livre com sinceridade e pelo methodo que melhor quadra ao coração do povo: meramente negativo a principio, visando a destruir o existente com apontar-lhe simplesmente as imperfeições, positivo e concreto depois com a apresentação clara e nitida do systema preconizado e a apologia fundamentada de principios novos.

Da massa compacta saiam os feis que praticavam a nova creença simplesmente e em segredo, os heroes que a defendiam com a sua logica e a sua acção de ferro e os martyres que a afirmavam energeticamente em face dos tyrannos e que mãos piedosas de virgem iam pela calada da noite buscar ao campo dos supplicios, para lhe dar a sepultura ignorada dos sacrificados a um canto da obscuridade humida da catacumba.

Foi um pouco por esta forma, religiosamente que a Republica se fez em Portugal.

Mais do que a propaganda d'uma idéa foi a evangelisação d'um povo.

— A politica é até certo ponto um succedaneo da religião. — A doutrina tinha mesmo o seu

que de abstracto, de sentimental e de impreciso e vago como todas as religões ao principio.

E a imprugna-la intimamente havia aquelle anseio de esperanza que nas religões reveladas se manifesta na illusão doirada d'uma vida futura e que n'este caso se traduzia n'alguma coisa de mais viavel e mais pratico: a relemção d'uma patria que tinha ainda nitidamente impressa na retina a tradição do seu passado de esplendor.

Mas se a Republica escalou a alma popular servindo-se das mesmas escadas de que os cultos religiosos costumavam utilizar-se, tambem ella tomou no coração do povo o logar que os homens de outras eras destinavam ao relicario das creenças herdadas.

D'as responsabilidades tremendas para os apóstolos da nova fé.

O plano formado, o ideal exposto, o compromisso tomado tem que converter-se em factos sob pena de sobre as suas cabeças tombarem as iras do povo.

Porque se não ha coisa mais augusta e mais respeitavel que a verdade tambem não ha coisa mais desprezível e abjecta que o charlatanismo e consequentemente se não ha ninguém mais humilde e mais submisso do que um crente tambem não ha ninguém mais feroz e mais vingador do que um ludibriado.

Enraizada portanto a doutrina democratica no seio da multidão ingenua, utópica que fosse, tem que realizar-se a risca. E se algum houvesse tão ousado ou tão imbecil que ousasse alterar-lha a pureza primitiva, levado pela transigencia com o passado, que sendo oportunismo baixo é tambem cobardia e calculo réles, teria praticado mais do que uma traição porque teria commettido um sacrilegio.

Linó Gamello.

Ecos e comentarios

Recordando

Quando foi da greve de 1907, uma das reclamações academicas era a de que fossem os actos da Faculdade de Direito presididos por magistrados ou advogados de reconhecida competência, nomeados pelo governo.

Outra daquellas reclamações era a de que o acto constasse apenas dum argumento.

Falta de respeito

Disse ai uma folhinha que um grupo de briosos projectava fazer

uma manifestação de graça aos juizes que estão prezidindo aos actos de Direito, pretextando recordar-lhes os tempos de Coimbra, em especial a alguns dos juizes, celebrizados por arrinca-delas do badalo da torre e não sabemos que mais.

E vai a folhinha e diz que, neste momento, pelas circunstancias notórias da vinda dos juizes a Coimbra, tal manifestação significaria, pelo menos, falta de respeito.

Gracia é que faltaria, porque é coisa que a briosos não tem, a não ser o chuprim no teatro-circo em noites de espectáculo.

Que se ouvesse graça na tal manifestação, por certo ninguém se julgaria desrespeitado.

Desilusão

Deve ter avido na esquentada fantasia de muitos conselheiros uma desilusão nada pequena.

A Assembleia Nacional Constituinte decretou que — a forma de Governo de Portugal é a de Republica Democratica.

Qualquer tentativa para desvirtuar o significado destas palavras será, em nossa opinião, um crime igual, senão superior, ao dos traidores assoldados da conspiração reaccionaria!

Carbonários

Volta ai a rumorejar toda a casta de insinuações contra carbonários.

Diz-se, por exemplo, que todos os carbonários de Coimbra o são só depois de 5 de Outubro.

Excesso de informação ou propósito de mentir?

Vamos pela ultima.

E se alguém partir os dentes aos calumniadores?

Afirmações

Diziam os manarquicos, antes de 5 de Outubro, que a Republica não seria feita nunca.

Nas proprias horas terriveis da insurreição o último ministro da guerra da realza, por entre lentos e saboreados goles do último real café, assocegava a ansia dos colegas afirmando-lhes, convicto, que a revolução ia ser vencida, mal ele trouxesse a rua a lamina da sua espada.

E já nos passados dias da Republica os conselheiros, que vieram da monarchia para ensinar aos novos da Republica os seus processos, uns e outros insinuavam que a propria Republica ia dar-se a empresa de conter a canalha e não deixar democratizar-se tanto, quanto o queriam e querem aqueles que a fizeram.

A Revolução veio.

A republica fez-se e a Assembleia Nacional Constituinte decretou já a Republica Democratica.

Que mais, todos eles, virão agora dizer-nos?

Talvez que — os traidores serão amnistiados.

E nós não acreditamos...

Agradecendo

A todos os nossos colegas, que ao reaparecimento deste periodico se referiram — muito agradecidos.

Assembleia Nacional Constituinte

DECRETO

A Assembleia Nacional Constituinte, confirmando o acto de emancipação realisa-do pelo povo e pelas forças militares de terra e mar, e reunida para definir e exercer a consciente soberania, tendo em vista manter a integridade de Portugal, consolidação da paz e a confiança na justiça e o bem estar e progresso do Povo Português — proclama e decreta:

1.º Fica para sempre abolida a monarchia e banida a dynastia de Bragança.

INDIGENAS



(Desenho de Emilio Martins.)

2.º A forma de Governo de Portugal é a de Republica Democratica.

3.º São declarados benemeritos da Patria todos aqueles que para depór a monarchia heroicamente combateram até conquistar a vitoria, consagrando-se para todo o sempre, com piedoso reconhecimento, a memoria dos que morreram na mesma gloriosa empresa.

MIUDEZAS...

Eram muito amigos: andavam sempre juntos e estavam sempre de accordo — até em serem ambos burros.

Já nos tempos ingratos da propaganda, a sua voz se fizera ouvir em criticos e conferencias, donde a monarchia teria sahido mal-ferida, se fossem para ella, e não, como eram, para a grammatica, os coices que disparavam.

Mas agora, implantada a Republica, a propaganda tornara-se desnecessaria; urgia, sim, pô-la a coberto de algum golpe de audacia por parte dos seus adversarios, que — murmurava-se á bocca pequena — tinham pelo seu lado todos os heroes... de Africa!

E logo nos seus cerebros fecundos germinou e definitivamente se installou um miudo projecto de organização revolucionaria, com armas e balandras, mascaras e punhaes... Nessa mesma tarde, na volta do Choupal, realisou-se, solemne e sóbria, a cerimonia do baptismo.

Um delles, levando o dedo á testa, num gesto muito seu, alvitrou:

— A Infatigavel, que te parece?

— Parece-me optimo — asentiu o outro com uncção.

Oh! meu amigo, és um genio! Dá cá um abraço!

E abraçaram-se effusivamente.

Depois, nos dias seguintes, trataram de alliciar gente. Postavam-se á porta do lyceu, e ao primeiro bicho que surgia, de gaforina ao vento e gravata encarnada, atracavam-no immediatamente.

— Você quer entrar para uma associação revolucionaria?

— ?

— Sim, homem, não percebe: uma associação revolucionaria, para defeza da Republica.

— E quem compõe essa associação? — inquiria o bicho

com uma instinctiva desconfiança.

— Você comprehende, é uma associação secreta: não lhe podemos dizer quem na compõe. Mas — é aqui os dois alliciados formavam um côro convicto — garantimos-lhe que vai ser estaporada.

...
E aqui tem Vocês, porque a terrível associação secreta, a Infatigável, possará d'história — porque é certo que passará d'história... alegre de Portugal — com esta designação grotesca: a Estaporada...

Ha.

Questões pedagogicas

Subordinado a este título, o sr. Mendes Corrêa, num editorial d'um jornal do Porto, de 20 corrente, faz diversas considerações acerca da ultima reforma do ensino superior e algumas referencias aos exames que se estão effectuando nas escolas, abordando mais de perto a Universidade de Coimbra.

Em abono da justiça, devemos dizer que, effectivamente, algumas das primeiras considerações encerram verdades, como quando se refere a minguada competencia d'alguns dos professores para regerem, com proficiencia os cursos livres.

O que o articulista não quiz ver foi que, a par da pouca comprehensão por parte d'alguns alumnos relativamente a esses cursos, deixando de as frequentar por uma questão de simples comodidade, a grande maioria que não compareceu ás aulas, deixou de o fazer exactamente, pela ausencia de qualidades nos professores, que, pela sua incompetencia ou falta de adaptação a esses cursos, não conseguiram com as suas preleções monotonas, fastidiosas e falhas de interesse, atrahir a attenção dos seus discipulos.

Sendo certo que o alumno, num curso livre, sabe de antemão que no fim do anno lectivo, tem de prestar o seu acto sobre toda a materia dada, e que, á sua disposição, possui os livros necessários para fazer um estudo consciante e proveitoso, é claro que elle pôde perfectamente dispensar as preleções do professor, quando estas não são, pela falta de brilho na exposição, se tornem indigestas e massudas, como também, pela falta de competencia de quem as faz, sendo apenas um repetidor de livros conhecidos, não tragam novidade alguma a quem as supporta e escuta.

Esta é que é positivamente a verdade nua e crua, por mais voltas que lhe deem para a deturpar e mascarar.

Remodelem o ensino quantas vezes quizerem, seguindo mesmo as melhores orientações, mas não reformem ou não façam uma selecção rigorosa e seria no corpo do professorado, afastando das cathedras os que lá cahiram por engano ou á custa de protecções escandalosas, e o resultado ha-de fatalmente ser sempre o mesmo.

As estudantes portuguesas, que por ahí é alcunhado injustamente de cabula e indolente, o que lhe falta é apenas o estímulo.

Longe de ser isto uma affirmacão gratuita, representa um facto authenticamente comprovado e demonstrado pelo aproveitamento fecundo que o estudante portuguez consegue nas universidades estrangeiras, onde, em regra geral, se avanta aos outros alumnos.

Mas o sr. Mendes Corrêa, referindo-se também como dissemos, aos exames que, nas escolas superiores, se estão effectuando nesta occasião, vira mais perto a

Universidade, insinuando, pelo resultado que tem visto naturalmente nos jornaes, que: *passa tudo, ou quasi tudo* (sic dando assim a entender que tem havido uma demasiada benevolencia, desandando em chuchadeira ou cousa parecida.

Esta referencia só pôde ser feita aos actos realizados na Faculdade de Direito, que são os que, neste momento, se estão effectuando.

Essa affirmacão é falha de verdade e ao mesmo tempo pouco lisonjeira e nada delicadas quando mais não seja para os magistrados que estão presidindo a esses actos e que, para esse fim, foram nomeados pelo governo, que nelles certamente reconheceu competencia e seriedade.

O articulista mais uma vez foi infeliz, porque além de, principalmente nos últimos annos do curso, os examinandos apresentarem-se, em geral, perfectamente conhecedores da materia a ponto de merecerem notas altas e, segundo consta, elogiosas apreciações por parte dos referidos magistrados, acresce a circumstancia de não haver *ponto* para as cadeiras d'esse curso, como ainda existe nos cursos medicos com que o sr. Mendes Corrêa, quiz argumentar, apresentando-os como excepção, quanto a aproveitamento.

Isto porem resulta do facto de toda a gente, por uma questão de simples suggestão, achincalhar e fazer guerra ao bacharel em Direito, cujo titulo julgam accessivel a qualquer quadrupede, quando, na verdade, para o conseguir sem *cunhas*, se torna hoje em dia muito mais difficil de que muita gente (que não é bacharel em direito) pensa e cuida.

São estes, em resumo, os reparos que nos mereceu o artigo em questão, reparos esses apenas determinados e orientados por um espirito de verdadeira justiça, a que costumamos subordinar sempre as nossas criticas e apreciações.

De resto, como affirmámos logo de começo, ha verdades nesse editorial que não podem soffrer contestação, assim como ha insinuações e exageros que julgamos de nosso dever repellar.

O assumpto dava margem a mais larga discussão, mas faltanos o tempo e o espaço e por isso terminamos por aqui.

Dr Pires de Carvalho

Quando este nosso amigo, deputado republicano eleito por Coimbra, na madrugada de segunda feira passada, seguiu para Lisboa, teve, por parte dum numerozissimo grupo de revolucionarios desta cidade, uma entusiastica manifestação de despedida.

PEDRADAS...

Oh! a ingratição dos homens! Aqui estou eu, por exemplo, republicano antes de 5 de Setembro (antes de 5 de Outubro, pelo visto, era-o toda a gente), tendo vezes varias «verberado» e não poucas também «cabido» fundo sobre os vícios e podridões do regimen dos adeptamentos, tendo feito a propaganda pelo jornal, em sentidos necrologios e babosas noticias de annos, que não fui eleito deputado ás Constituintes!

Estou a vêr a tua cara, leitor, franzi-se n'uma grande prega de admiração, pois não supplicas, não, que ficasse fora do parlamento, quem pelo seu passado de acrisolado amor á causa republicana, lá devia ter reservado um indiscutivel logar.

Ando a fazer, decididamente, tirocinio para Camões, e, a avaliar pela ingratição presente, também, como aquelle meu collega de génio, venho a morrer, miseravelmente, n'algum *catre de hospital*, sem ao menos ter a confortar-me

a dedicacão d'um preto, amoroso e bom, como o bom do Jau!

Eu podia, a proposito, fazer aqui uma citação erudita de grandes homens victimas d'esse feio sentimento, que é a ingratição, e d'ahi tirar confortecedor lenitivo para a minha exclusão das Constituintes; não estou, porém, pr'ahi virado.

Mas, se a ingratição dos coevos assim me tem de lado, como um trapo vil, a posteridade ha de fazer-me justiça: o meu nome será inscripto n'algum cunhal de rua ou de praça publica, e até este lingoado de almasso, como precioso autographo, virá a ser ferozmente disputado por bibliographos maniacos!

E, portanto, virado para os vindouros, de quem confiadamente espero justiça e gloria, que eu vou aqui estampar, em caracteres immortaes, o meu programma de deputado ás Constituintes — que só não sou, repito, pela ingratição dos meus contemporaneos.

E não julgues leitor, que eu te vou causticar com um miúdo programma de reformas e projectos de lei. Não. O meu programma todo elle se resume n'um projecto unico, com um unico artigo e um unico paragrapho.

Artigo unico — *E' creação pelo presente secreto, a expensas do Estado, an lido da Casa da Moeda, uma casa... de moeda falsa.*

§ unico. — *Fica revogada a legislação prohibindo o fabrico e a passagem de moeda falsa.*

Assim se arranjará dinheiro, muito dinheiro, dinheiro á discreção, e com elle tudo — saldo no orçamento, instrucção, exercito, armada, viação, industria e até pois que pensas, leitor? a sympathia das potencias!

E não será exactamente isto que nós precisamos?

Hadequê

Fôra da Terra

Vieira do Minho, 11 de junho

Meu caro Emilio. — Antes de mais nada, como a gratidão impõe, os meus agradecimentos pelo adjectivo com que a *Revolta* honrou a minha prosa, na local explicativa da minha promessa de collaboração. Chamaram vocês á minha desataviada prosa uma prosa assignalada e eu devo concordar, modestamente, que ella effectivamente é assignalada de erros de orthographia e de grammatica. De resto lá diz o dictado que «se Deus a assignalou, algum defeito lhe achou.»

Pelos jornaes tenho conhecido os variados aspectos das variadas questões que ultimamente teem agitado esse pacato burgo e avalio bem a magua enorme de todos os nossos amigos de ahí perante as desillusões tremendas, sobre a sua sinceridade, teem desabado. As eleições, o caso do Florio, todas essas questões, em que se teem achado envolvidos aquelles que em Coimbra teem a infelicidade de terem sido sempre republicanos e de o continuarem sendo com intelligencia e dignidade, devem ter provado bem duramente a fé e a sincera ingenuidade d'essa grata meia dozia de espiritos emancipados, que teimam em guindar dignamente Coimbra a um nivel moral e social do qual ella se contenta em approximar-se de gatas e rastejando.

Vocês ahí possuem milagrosamente a fé que não verga nem cança e bendita seja ella, essa coragem heroica, porque bemitamente impede que Coimbra venha na Republica a ser feudo d'um qualquer, como o foi na monarchia.

Esse pobre povo habituado de ha seculos a desluzbrar-se com um capello e uma borla, se vocês não acodem a sacudi-lo do seu

torpôr, se não lhe abrem bem os olhos resvalará á imbecilidade passada e Coimbra erguerá nos seus braços, amorosamente e como se fosse uma preciosidade, uma segunda edição do Oliveira Mattos.

Decerto a evitar esta sensaboria estão ahí creaturas intelligentes e dignas, mas para refazer a consciencia d'esse povo a somma de esforço é tão grande que eu quasi desconfio de vossa corajosa ardencia de evangelisadores.

A ser commigo o caso, meu caro Emilio, a residir em mim, como com vocês se dá, o nucleo unico da reacção ao conselheirismo, eu já tinha ha muito abandonado o campo aos conselheiros, porque perante tão escocentes provas a minha fé se tinha escaqueirado e no meu espirito só ficava, a substitui-la, um prurido de vingança, vingança que eu tiraria, n'um gesto á Nero, trepando á torre da Universidade com uma lyra a vê-los comerem-se uns aos outros como os grillos da historia.

Mas louvada seja a vossa pernacacia e a vossa fé, porque não é, como a minha, sujeita a deliquos quando por ella roçam as primeiras nauseas. N'essa luta em que vocês tão desinteressadamente se empenham eu já me tinha retirado com a desillusão na alma e um lenço no nariz.

Já que Coimbra, a lubrica, preferia aos meus desejos de a tornar melhor os braços do dr. Angelo da Fonseca eu abandonava a essa ligação illicita, que a ha de arrastar á miseria, ao *ludal do vicio*, como se diz em apurado estylo de imprensa.

Desde que Coimbra assim me abandonava eu deixava que elle a dominasse, porque ella depois viria a arrepende-se quando o visse tyranno e dominador, coroado d'um irrigador e empunhando uma seringa, tornado D. Fonseca I, d'Aquem é d'Além-Mar. Então ella se arrependeria, decerto, e talvez então se resolvesse a proclamar definitivamente a Republica.

Desculpe-me v. men caro Emilio, este ligeiro desretrat e receba, com tres abraços fraternaes, a parcella do meu applauso que a v. cabe por essa corajosa cruzada em que vocês todos andam encarnicados e que tem, quanto a mim, o fim mais nobre: despartar os que dormem e castrar os ambiciosos.

Do amigo certo.

Feliciano Santos.

FOLHETIM DA REVOLTA

Kova's Palace

Por Emyl-Phelic

As Lagrimas da Esphinge

CAPITULO I

O Palacio abandonado

O mysterioso personagem, a quem chamaremos D. Narciso, era um joven de pouco mais de vinte annos de idade. Poder-se-hia mesmo affirmar que no anno anterior deveria ter entrado no recenseamento militar, tão leve e penugento era o seu buço louro.

Depois de ter entrado no recinto vivamente illuminado, a que atraz nos referimos, o joven saltou da lage que o transportára n'essa descida de cinco minutos e ficou encantado de ter auferido de borla uma passagem de elevador, porque ninguem appareceu a cobrar-lhe o bilhete. Aliviado do seu peso á lage subira vertiginosamente ás alturas d'onde viera e seguindo a o joven com os olhos verificados que á brilhante illuminação d'aquella sala provinha de sete estrellas collocadas no tecto e tão bem parecidas com as naturaes que só lhes faltava allar.

Movido pela natural curiosidade olhou o joven em redor de si e viu, com espanto e com appetite, que em redor da sala corria uma meza circular muito bem posta e onde estavam servidos todos os manjares possiveis, desde a isca sem ellas até á ambrozia, que, como de todos é sabido, é a assorda d'allo dos deuses.

Considerou D. Narciso que estava com certa larica, porque, na ansiedade em que estivera de sair de casa, mal tinha comido um nico de borôa, e bateu ás palmas muito tranquillo como se estivesse no Magrinho a pedir lampreia.

Immediatamente das volutas de fumo que se evolvavam de quatro perfumadores, que ardiam aos cantos da sala, saíram quatro mulheres ricamente despidas. Começaram a dançar uma especie de vira de quatro, que muito divertiu D. Narciso, que com os seus botões considerava que se o Mendes d'Abreu contractasse aquellas dançarinas com certeza a briosia lhe enchia o cinematographo a uivar de sensualidade transbordante, e então uma d'ellas, sempre dançando, chegou-lhe ao monoculo um *menu* de que elle se apoderou avidamente e que começou a lêr, hesitante na escolha dos petiscos.

Emquanto elle escolhia um prato de vitella á Revolução (resto d'um qualquer jantar ao ministro da guerra, ellas continuavam dançando, que pareciam ter corda para vinte e quatro horas, e cada vez se approximavam mais de D. Narciso, que começava a sentir latejar as temporas e o sangue a subir-lhe á face.

Como uma d'ellas se chegasse mais, D. Narciso, largando o *menu*, atracou-se-lhe n'um rijo abraço, mas de subito a sala escureceu, as mulheres desapareceram e D. Narciso achou-se abraçado (oh que não sei de nojo como o conte!) com um volume da *Collecção da Legislação Fiscal*. Não chão, no sitio onde as outras dançavam, os restantes tres volumes jaziam envoltos nas suas capas cinzentas.

D. Narciso, aterrado, com os cabellos de pé, ouviu uma voz gomosa, que atravessou a escuridão da sala gosmeando rmbnotonamente:

— Inicial, an. Central, e... final

Lentamente a luz voltou, como quando uma nuvem desvenda a brumida face da lua, e quando as sete estrellas de novo refulgiram immaculadamente, como qualquer Zé Luciano, D. Narciso viu que a mesa tinha desaparecido e que deante d'elle se abria um corredor cheio de sombra e de mysterio.

(Continua.)

Pestana Junior e o partido republicano no Funchal

11

(Continuação)

Mortos os últimos microbios, declarado limpo o porto do Funchal e lançados, bem para longe todos os legitimos terrores, restabelece-se finalmente a normalidade e Pestana Junior prepara-se para a luta. Bunda o jornal *O Radical*, cujo primeiro numero veio a publico no dia 10 de Abril d'este anno.

Neste jornal critica o governador e a sua forma impolitica de governar, mas a sua critica é leal, porque aponta faltas e combate-as com argumentos, porque prova as teses que defende e chega logicamente a conclusão da falta de competencia do actual governador.

A esta critica, umas vezes severa, e outras vezes feita em satyricos *sueños*, em poesias cheias de verve e espirito, responde *O Povo*, jornal patrocinado pelo governador em artigos sem lo-

SECÇÃO LITTERARIA

Mal occulto

Nunca chôres junto á nora
Que a corrente faz girar:
Quem chôra ao pé de quem chôra
Fica-se sempre a chorar.

Quando, ao cair suave da tardinha,
Relembro do meu Liz a antiga lenda,
Encontro-a sempre só, sempre tristonha
Docemente inclinada a fazer renda.

Uma nora alli perto a fallecer
Acompanha chorosa as urdiduras
De rendas e illusões — tristes agruras
Que essa alma vae tecendo em seu soffrer.

E o povo, quando passa, impressionado
De ver um rosto assim tão magoado,
Diz, commovido, que é talvez paixão

Que ella tomou e que esse mal peôra
Com o triste gemer d'aquella nora
Que tem ao lado...

— E o povo tem razão.

Leiria (Nôras do Liz, 1911.

Marques da Cruz.

gica e até sem gramatica, com
calunias insidiosamente esboça-
das, com insultos e até com ul-
trages á honra e dignidade de
Pestana Junior.

Um d'estes artigos, em que se
dizia, que ele era um traidor e
um vendido, fez-lhe produzir uma
defeza tão vibrante da dignidade
ofendida, tão altivamente indig-
nada, tão cheia de nobre vio-
lencia, que não resistimos á tenta-
ção de aqui reproduzirmos esse
artigo, que foi publicado no Ra-
dical de 22 de Abril.

Eil-o como o lêmos e como o
admiramos:

Alto, bandido!

A pessoa que escreveu o fundo
d'ontem no Povo tem a alma sa-
fada dum canalha!

Ruñão da mais baixa especie
anavalha a honra alheia com a
facilidade com que retalharia nas
viélas do vicio a cara das ama-
tes, a quem pedisse a quejada.
Não tem brio. Não tem digni-
dade.

Sevandija e poltrão, malandrim
de presilha e d'alpercatá, tem a
cobardia dos quadrilheiros d'es-
trada e a alma dos bebedos de
fuêla.

Só assim se comprehende; só
assim se pôde encarar o seu pro-
cedimento.

Vilão ruim, presidiario de tômo,
julga a honra alheia pela lama
que lhe vae n'alma; avalia a di-
gnidade dos outros pela sua es-
farrapada e andrajosa compos-
tura.

Só assim se explica que me
julgue um assalariado. Só assim
se entende que me calcule um
vendido.

Mas é mais, porque é covarde!
Mas é muito mais, porque insi-
nuia o meu nome nas rosas vi-
perinas da sua prosa, o meu nome
e o dum meu amigo pessoal, e
não assina o sobriquet de guerra
da pareia á que pertence, para
que se lhe não possa riscar o es-
tanhão da cara com o ferrão d'uma
bengala.

Se teve intenção de me melin-
drar, não o conseguiu, sr. ban-
dido!

Saiba que a minha honra, o
meu pundonor, a minha dignida-
de, não são coisas que um cão
possa trazer na bocca, sem que
se arrisque a que eu lh'a feche
de vez.

Saiba-o para seu governo, para
seu arranjo; para guarda do lom-
bo chagado de besta fugida dos
jardins d'aclimação.

Quem escreveu aquillo não é
um cidadão, não é um homem!
Mostrengo moral, safardana

e torpe, deve ter a figura dum
javarão; como tem a alma dum
canalha!

Pestana Junior.

E' bem d'ele este artigo, é bem
d'esse rapaz, que aqui conhece-
mos, digno e cheio de brio, bon-
doso até ás lagrimas ao recom-
pensar uma boa acção e violento
e feroz quando era preciso casti-
gar uma vilania!

Em seguida pedia ao governa-
dor civil, que convocasse uma
reunião do partido republicano
para se expulsar do seu seio uma
creatura que tão vilmente pro-
cedia.

Que nos conste, nem o governa-
dor convocou tal reunião, nem
o autor do artigo veio a publico
tornar-se responsavel pelas mfa-
mias que vomitara!

São d'este estofio os calunias-
dores de Pestana Junior.

Em breve continuaremos.

Palva Lereno.

N. R. — Do Mundo, de hon-
tem, d'uma carta do sr. Ribeira
Brava extractamos o seguinte:

...O sr. Silva Passos, é
altamente injusto quando se refe-
re a dois antigos republicanos da
Madeira, afirmando que elles,
por desrespeito, quebraram os
laços de partidario; esses repub-
licanos são dois rapazes de
alto valor e de incontestavel de-
dicacão á causa republicana; re-
firo-me ao dr. Manuel Gregorio
Pestana Junior e ao dr. Gonçal-
ves Preto. Esses republicanos
sinceros não podiam militar ao
lado de um governador civil que
nas vespéras de uma eleição man-
dou, arbitraria e despoticamente,
fechar e selar as portas da ty-
pografia do jornal republicano O Ra-
dical de que era director o dr.
Pestana Junior, impedindo assim
a publicação desse jornal na hora
em que delle carecia aquelle ci-
dadão para a propagação da sua
candidatura; não podiam militar
ao lado de uma auctoridade que
mandou sob pretextos futeis intir-
mar influentes eleitorais para com-
parecerem á sua presença e ali
os deteve com o proposito crimi-
noso de os impedir na sua legiti-
ma propaganda eleitoral; não po-
diam militar ao lado de uma au-
toridade que mandou prender
cidadãos innocentes por meras
vinganças eleitorais, como se acha
neste momento preso o dr. Cas-
tro e Abreu, do concelho de Pon-
ta do Sol; não podiam militar ao
lado de uma auctoridade que para
se vingar de um juiz que não cum-
primento dos seus deveres autou-

ladrões de urnas e falsificadores
de actas, um magistrado por to-
dos reconhecido como respeitavel
e digno, lhe mandou instaurar
um processo de investigacão
administrativa, em que se pre-
tende provar que esse juiz em
determinado dia, fez um gramo-
fone tocar o himno da carta,
escolhendo-se para testemunhas
contra o referido magistrado in-
dividuos pronunciados na propria
comarca por crime de furto e
falsificacão e em vespéras de jul-
gamento, etc., etc., etc.

Soluçào de honra

No dia nove de junho de mil novecentos
e onze, reuniram-se em casa do ultimo
signatario, Emilio Martins e Armando
Marques Guedes, como representantes de
Alfredo dos Santos e Hippolyto Raposo e
João de Lebre e Lima, como representantes
de Antonio Sardinha.

Foi presente um processo que correu no
Centro Academico Republicano e lidas
várias passagens da defeza do accusado
que deram lugar a esta pendencia.

— Declararam os representantes de Antonio
Sardinha que, não estando ele presente á
sessão do Centro em que se deliberou a sua
exclusão de socio, não tendo em seu poder
nenhum exemplar da lei organica do mesmo
Centro, fôra de basar a sua defeza em
boatos e informacões que colhera, acre-
dencando a isto o facto de ter sido remetida
á Comissào de vigilancia a proposta de
exclusão dum outro socio — dizeo que a
ele se recusou — levou-a a attribuir essa
situacão excepcional á má vontade de
Alfredo dos Santos.

Que pela análise da defeza e pela expres-
são «pessa d'suspeita de ter sido espião de
alguns leites», se deduz que Antonio Sar-
dinha não fez uma accusação directa, mas
teve a intenção de reproduzir boatos cor-
rentes.

E que, do mesmo modo, foi fundada em
boatos e calunias que foram lidas neste acto,
a sua frase — impede a noticia de ter
traído um juramento solene — que não
equivale á affirmacão de o haver traído.

Pelos representantes de Alfredo dos
Santos foi dito que só a alegada ignorancia
de Antonio Sardinha justificava a
suspeicão de ter o mesmo, Santos tentado
impedir que o caso fosse remetido á Com-
missào de vigilancia, o que pela narraçào
dos factos eles provariam se não passou.

Acertaram como boa a interpretaçào
dada ás frases, acima transcritas e pro-
curaram, em relação á quebra do juramento
solene na questào academica, que foi a
propria Comissào de resistencia em Com-
bra que o desligou dos seus compromissos.

Quanto ás suspeições de ordem politica,
apresentaram diferentes documntos lidos
na presença de todos e que provam estar
há muito o Alfredo dos Santos filiado no
partido republicano ao qual prestou os
serviços que os seus trabalhos e meritos
consentiam.

Em especial, fizeram notar a falta de
base da affirmacão feita, acerca dos inten-
damentos com um comite socialista de
Lisboa que o teria impedido de assinar o
manifesto da academia republicana de
1908, datado de 27 de maio, sendo a carta
do mesmo Comite, referente a esse assunto,
recebida só no dia seguinte.

Levaram um cortão do sr. Americo Cha-
ces d'Almeida que afirma, sob sua pala-
vra de honra, que Alfredo dos Santos fôra
a casa do sr. Alberto Mansaraz, apenas
duas vezes e que não é factu affirmar que
o tivesse levado, ali qualquer intuito de
apreciacão com uns dos seus professores.

Pelos segundos signatarios foi affirmado
provar-se por documentos lidos neste acto
que Alfredo dos Santos teve ligacões par-
tidarias com um grupo socialista diverso
ao partido republicano portuguez que de-
terminaram a sua hesitacão em assinar o
manifesto de 508 que affinal assinou.

Alegaram ainda que a accusação de
Alfredo dos Santos entrar em casa do
sr. Alberto Mansaraz, não tem outro valor
senão o de ser dirigida contra quem a fez
identica, e que os pitaveros officiaes que
motivaram esta pendencia são um excesso
de leptomia defeza, perfeitamente justifi-
cavel ante a attitude de Alfredo dos Santos,
pondo em duvida, na presença da assem-
bleia geral do Centro, a sua dignidade
politica.

Respondéram os representantes de Al-
fredo dos Santos que lhes era necessario
acentuar que ele não fizera a Antonio
Sardinha verdadeiras accusações, mas se
limitara a levantar suspeiçoes que se dese-
java entregar á investigacão da comissào
de vigilancia. Se lacs suspeiçoes, nenhuma
das quaes tinha attas caracere pessoal,
porque eram apenas de ordem politica
partidaria — não foram entregues á ave-
riguacão da mesma comissào foi porque
muitos, estranhos á sua vontade, levaram
a assembleia a tal resoluçào.

De tudo isto concluem os signatarios
que os fundamentos desta pendencia são
insubstantes uns e mezclentes outros,
julgando por isso a questào liquidada,
quanto aos poderes que lhes foram comen-
tados.

Combra, nove de junho de mil nove-
centos e onze.

- (a) Emilio Martins.
(b) Armando Marques Guedes.
(c) Hippolyto Raposo.
(d) João de Lebre e Lima.

Arrancando a mascara...

Uma questào suscitada ha tem-
pos entre a minha pessoa e a do
sr. Antonio Sardinha, questào
essa que, ha pouco, foi resolvida
n'um tribunal de honra sem que-
bra da minha dignidade, que ficou
absolutamente a coberto de qual-
quer suspeiça menos favoravel,
deu azo a que eu tivesse, poste-
riormente a esse facto, perfeito
conhecimento de que meia duzia
de bandidos, sem escrúpulos e
sem brio, procurava anavalhar-
me na sombra, fazendo a meu
respeito affirmacões calumpiosas
e levantando suspeiças cheias de
insidia e de requintada má fé.

Solemne compromisso tomado,
force-me a não revelar por em-
quanto os nomes d'alguns d'esses
miseraveis, que me foram apont-
ados. Conhecemos, porém, e é
quanto basta.

Constituem um grupo, em que
todos se nivelam pelo mesmo
nivel moral, para quem o senti-
mento de honra não existe, e que,
na sua tacahez de espirito pro-
porcional á perversidade estúpida
do seu instincto, só acham praz-
zer em salpicar os que não são
da sua lida com a immunda lama
que d'elles escorre.

Porque sempre os feri com o
meu mais completo e soberano
desprezo, essa matilha de podengos
e rafeiros promptos sempre a
morderem toda a gente, procura-
ram tambem traçoicamente abo-
canhar-me sem que, ao menos
um dos da récia tivesse a cora-
gem de publicamente me atacar.

Cobardes e pulhas a um tem-
po só!

Cada um d'esses patifes, arma-
dos em censores de toda a
gente, tem uma longa historia,
que opportunamente virá a pu-
blico, cheia de pustulas e mazel-
las, que lhes tira a auctoridade
moral para subterverem e astu-
mirem inteira responsabilidade
de qualquer infamia vomitada.

E se assim não é, e porque
tenho a consciencia absolutamen-
te tranquilla e possuo a meu lado
todos os homens de bem, com
quem tenho a honra de privar,
eu repto aqui, com toda a alti-
vez e com toda a hombridade, a
que qualquer d'esses miseraveis
apresente ja contra mim, publi-
camente, factos concretos, bem
documentados e insophismaveis,
que me confundam e me redu-
zam á condicão de desprezivel,
como elles.

E xijo, porém, para evitar nova
traicão, que qualquer accusação
a fazer-se-me, seja publicada
n'este jornal, onde só tem acolhi-
mento e guarida as campanhas
bem fundamentadas e firmadas
por quem d'ellas, pôde assumir
inteira responsabilidade.

A não ser assim, este sema-
nario não as aceita, porque não
é a terra onde qualquer malandro
vomite qualquer torpeza ou arrête
alguma infamia.

E, por agora, aguardemos os
acontecimentos.

Alfredo Santos.

A Revolta

Condiçõe de assignatura para o continente,
libras e provincias ultramarinas

Trimestre, ou serie de 13 numeros, 300
réis; semestre ou serie de 26 numeros,
5-0 réis.

Numero avulso, 20 réis

ANUNCIOS — Cada linha, 30 réis, e
reflexão 20 réis. Insere-se annuncios
por largo tempo, por contracto especia-

Antonio Napolos e Ramada Curto

Á ultima hora

Lisboa, 21, 6 horas
da tarde.

Proposta Tribunal es-
pecial: conspiradores re-
goitada.

Nomeada comissào re-
ver leis sobre aquelle as-
sunto.

Nomeada comissào
constituicão e leitura te-
legrama Camara Depu-
tados Brazil Grande ma-
nifestacão.

Leitura mensagem Go-
verno.

Discurso — Alexandre
Braga, Assombroso.

Voto confiança Go-
verno.

B. B.

EXCURSÃO A AVEIRO

No dia 2 de Julho,
em comboio especial, que
sairá de Coimbra ás 6
horas da manhã e re-
gressará ás 10 da noite,
abrilhantada pela «Phi-
larmonica Conimbricen-
se.»

Os preços são em 2.ª
classe 820, em 3.ª, 580
réis, ida e volta.

A REVOLTA,
Jornal Republicano Academico

Annuncios

ABILIO LAGOAS

54 — Praça do Commercio — 55

COMBRA

Correspondente das Companhias

Mantimentos da Companhia de Seguros

de F. o Comarcão e Industria

de F. o Comarcão da Covilhã 98

COMMISSÕES E CONSIGNACÕES

DEPOSITO DE SACCOS DE PAPEL

AGUSTO LUIZ MARTHA

PARA REVENDORES

SABOARIA LUSITANA

SANTA CLARA Telephone n.º 162

Armazem de Papel e Chá

Deposito de Bolachas e Massas

23, P. do Commercio, 26 Telap. 11

COMBRA

ADVOGADOS

LISBOA

ESCRITORIO

Rua Nova do Almada, 39, 2.º

F. FRANÇA AMADO

LIVREIRO EDITOR

LIVRARIA E TYPOGRAPHIA

COIMBRA

Grande sortido de livros nacionaes e estrangeiros. Administração da *Revista de Legislação e de Jurisprudência* e do *Movimento Medico*. Assignaturas para todos os jornaes de Direito, Medicina, Modas, Literarios e Artísticos, portuguezes e estrangeiros.

Correspondencia com todos os mercados do livro

SERVIÇO RAPIDO DE ENCOMENDAS

Casa J. da Fonseca

Praça 8 de Maio, 8 e 10 — Rua V. da Luz, 1

COIMBRA

Pianos **GAVEAU**

Bicyclettes **B. S. A.** e **PEUGEOT**

Machinas de costura **NAUMANN**

(PEÇA-SE CATALOGOS)

Accessorios para tudo. Instrumentos musicos, musicas, etc.

ALUGUEIS e VENDAS a prestações

Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Comercio e Industria

ECONOMIA GARANTIA SERIEDADE

Colchoaria Central

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA COSTAS

COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e de madeira, colchoaria

Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domiciliados, dentro dos limites da cidade

Machinas Singer para coser

ESCRITORIO

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

FILIAES:

FIGUEIRA DA FOZ — Rua da Republica, 8

CANTANHEDE — Rua da Estrada de Vagos

PAPELARIA BORGES

Além do sortido proprio de papelaria, escriptorio, desenho, etc., esta casa tem a melhor edição de

Bilhetes postaes illustrados do paiz, de Coimbra e districto, Serra da Estrella, Aveiro, Vizeu, Covilhã, Castello Branco, Beja e algumas villas, para o que aproveita sempre as melhores photographias e os assumptos mais escolhidos e propios.

Toma encomenda de trabalhos no genero a quem fornecer photographias ou outros modelos, podendo tambem encarregar-se da tiragem das photographias, para o que fornece preços a quem pedir. Apparehos e mais material para Photographia.

2, R. Visconde da Luz, 6 — Coimbra

MARIA LOPES

Rua do Sargento Mor, 40

COIMBRA

Recebe COMMENSAES e faz preços convidativos

VENTURA B. D'ALMEIDA

COIMBRA { Rua do Sargento Mor, 50 a 52
{ Largo do Coes, 5, 6, 7, 8 e 9

Armazem de mercearia, metaes, trapo, pelles e sarro de vinho

Telephone 230

Tabacaria Central

DE Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29

COIMBRA

Telephone 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados e

BILHETES DE VISITA

A Constructora

Estrada da Beira — COIMBRA

Deposito de materiaes para construcções e

FABRICA DE LADRILHOS

CESAR CANTU

RESUMO DA HISTORIA UNIVERSAL

(UM V. LUME DE 850 PAGINAS)

Tradução portugueza por HORACIO POIARES, antigo professor e reitor do Lyceo Nacional de Macau, offerecida aos seus condiscipulos e amigos do Extremo Oriente

Poucas pessoas poderão comprar a HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, cuja edição portugueza é em 20 volumes, cada um dos quaes se vende a 15400 reis brochado ou 15700 reis encadernado. Porém todos poderão adquirir e ler um resumo d'essa monumental obra do grande historiador, universalmente conhecido e considerado dos primeiros e ainda o primeiro sob o ponto de vista do merito moral e philosophico, constituindo o seu trabalho uma excellente preparação para o estudo da historia contemporanea.

O compendio da HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, de professora Juan B. Ensenal, resume em 850 paginas, toda a obra do grande historiador, e a repetição das suas edicoes mostra o successo que tem tido. Vae ser publicado em portuguez nas officinas do Comercio de Porto.

Preço — pagamento adiantado, para quem se inscrever como assignante até 30 de Setembro proximo, 15200 reis, franco de porte.

Depois da exposto a venda o preço será de 15500 reis! A quem se responsabilisar por cinco exemplares será offerecido mais um gratis.

Todos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, em vale do correio ou carta registada, devem ser dirigidos ao proprietario e traductor:

HORACIO POIARES — (Districto de Coimbra) Cantanhede, MIRA

São igualmente satisfeitos todos os pedidos vindos do Brazil, que sejam feitos por carta registada, devidamente lacrada, contendo uma nota de cinco mil reis, dinheiro d'aquelle Paiz, representando essa importancia não só o preço total do livro mas tambem o porte e registo do correio.

Equivalente se acceptam notas de qualquer outro Paiz ou Banco, remetidas da mesma forma de qualquer parte; sendo para esse effeito o preço, nas mesmas condições, tres rupias e meia na India, ou duas patacas e meia (reis 2450) no Extremo Oriente e America do Norte, em 7 francos, ou 7 schillings, ou 7 marcos, ou 7 pesetas; e correspondendo sempre a cada requisição de cinco exemplares mais um gratis.

Pede-se toda a nitidez na indicação dos nomes e endereços a todas as pessoas que nos quizerem honrar com a sua assignatura.

Em especial os pedidos do estrangeiro que não vierem acompanhados da respectiva importancia não serão satisfeitos; sem quizermos com isto maguar pessoa alguma, e apenas simplificar o serviço da publicação.

LIVRARIA

F. França & Armenio Amado

EDITORES

R. Ferreira Borges, 77 a 91 COIMBRA Arco d'Almedina, 2 a 4

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionaes como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Lyceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normaes e Primarias.

Encadernações em todo o genero. — Officina montada com machinismo moderno. Acceptam-se todos os trabalhos. — Grande sortido de papeis e envelopes, objectos de escriptorio e aprestes para desenho

Deposito da importante LIVRARIA PORTUENSE, de Lopes & C.^a Succ.

ACÇÕES DE DESPEJO de predios rusticos e urbanos (Decreto de 30 de Agosto de 1907) — Segundo as preleções feitas na Universidade pelo sr. prof. Dias da Silva. Separata dos Apontamentos de Processo, colligidos por A. F. Carneiro Pacheco. 300 reis

Dr. J. Valerio, *Quil Pêlo* — Recordações de um quintanista. — Elegante album contendo caricaturas de professores e estudantes da Universidade. — Livro muito proprio para offertas como recordação da vida academica. — 1 grande volume em edição de luxo. 15200 reis

Dr. Lobo d'Avila Lima, *Da C. concorrencia* (Desleal, 1 vol., 15200 reis.

A REVOLTA



Pela Patria e pela Republica

Jornal Republicano Academico

Anno 3.º

DIRECTOR — Emílio Martins

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua das Oovas, 15

COIMBRA — 28 de Junho de 1911

Propriedade da Empresa da "REVOLTA,"

Composição e Imp., CASA MINERVA, Avenida Navarro

ADMINISTRADOR E EDITOR: PEDRO PALMA

N.º 49

UNIÃO

Não sei se se lembram que existiu ha tempos em Portugal um partido chamado Republicano.

Tinha elle a dirigi-lo superiormente um corpo eleito nos termos da sua lei organica a que se dava o nome, salvo erro, de Directorio, e tinha por fim immediato, derrubar as instituições seculares que nos regiam, e substitui-las por essa formula que os doutrinarios do decimo oitavo seculo tinham coroado de rosas: a Republica.

Mas é preciso dizer que esta expressão, Republica, no caso em questão, tinha uma comprehensão especial e propria, producto do momento e de influencias historicas multiplas: não era simplesmente a formula politica reduzida aos precisos termos em que se andar definida nos tratados, mas alguma coisa de mais complexo ainda.

Republica na bocca d'um portuguez era synonymo de salvação nacional, de regeneração dos costumes, de equilibrio das finanças, de desenvolvimento das colonias, de emancipação dos espiritos, de união dos corações, numa palavra de renascimento completo da vida portu-gueza.

Foi essa a Republica por que trabalhamos, por que nos batemos e que fizemos definitivamente, naquillo que de mais urgente havia na aspiração com-mun.

Nem tudo porém está feito, quasi nada a bem dizer se fez. A obra dos que se bateram foi heroicamente executada e nesse capitulo está esgotado o assumpto com brilhantismo inexc-dível.

A tarefa do Governo Provisorio foi sem duvida immensa e atravez da hyperprodução legislativa de algumas pastas e da vergonhosa esterilidade de outras, ha coisas, grandes que marcam gloriosamente um periodo.

Mas a aspiração nacional, creada e fortificada pela melopeia interminavel da rethorica de comicio, está felizmente longe de se dar por satisfeita.

Fique portanto assente que enquanto não corresponder completamente a aspiração dos portu-guezes, não estará feita a republica em Portugal.

Ora quem trabalhou para derrubar a monarchia, o partido republicano, não pode deixar agora de trabalhar para realizar a republica completamente, satis-

fazendo a vontade legitima do povo.

Tem que continuar portanto a viver, não transformado em récuca de camellos obedecendo á arriata de ministriais e ministriaveis, não como quadrilha de bandoleiros dominando pelo terror, mas como collectividade consciente e activa, visando a levar ao fim a enclada execução do seu programma de sempre.

No dia em que tal se tenha conseguido e não será preciso cano poderá morrer e dissolver-se, a não ser que homens que se habituaram a encontrar-se ao lado uns dos outros na hora da lucta, prefiram continuar sempre juntos.

Foi pela união do partido que a monarchia se esfacelou, maravilha será que pela sua desunião e parcellamente a republica se fortifique.

Quem sabe porem, se esta concepção de unidade partidaria, depois de proclamada a republica, será recebida com um sorriso de lastima pelos espiritos acostumados a fórmulas já feitas.

— Pois que, pode lá conceber-se o governo dum paiz sem dois grandes partidos extremos pelo menos — quando não appareça tambem o ecletismo comodo dos nossos universitarios transformado em systema politico? —

— Sim burguez amigo, tudo isso está bem e tem, para você a apreciavel qualidade de ser conhecido, de ser velho, de dar efeitos já determinados e bem calculados é isso que se tem usado em toda a parte e se continua a usar.

Mas o caso é que as razões que podem justificar a existencia de dois grandes partidos de governo lá fóra, não colhem para o nosso caso.

Está bem que haja dois partidos quando houver dois programmas, dois ideaes ou duas doutrinas diferentes. Mas não se admite a necessidade delles quando não pode haver senão um programma, um ideal e uma doutrina, que são aquelles e aquella que o partido republicano tem vindo a espalhar aos quatro ventos do paiz pela bocca dos seus propagandistas e pela pena dos seus escriptores.

Unifique-se a doutrina nos congressos partidarios — deixando aos deputados a discussão

no parlamento das questões de detalhe e de modus faciendi, — unifique-se a direcção politica por um directorio eleito e o partido pode continuar com honestidade e com nobreza ao mesmo tempo, no proseguimento da sua missão patriótica, em ordem ao levantamento da nação e á realização do ideal tão grande, que encheu as almas de herois como Candido dos Reis, de santos como José Falcão.

Lino Gamero.

Ecos e comentarios

Cumprir a lei

O ministro interino da pasta da Justiça, interpellado na Constituinte sobre a execução da lei de separação da Igreja do Estado, afirmou, conforme diz o relato da sessão de alguns jornais, que « a lei á de cumprir-se e quem a desrespeitar será castigado rigorosamente ».

Que tal não se diga em vão!

Madrasta

Um antigo republicano a quem foi enviado o nosso jornal, desenvolvendo-o, escreveu ao nosso amigo, que recomendára o periódico, uma carta de que extractamos o seguinte:

« De bom grado o assignaria se não tivesse tomado a resolução de em breve abandonar a politica, por ver que neste Districto a Republica só é mãe para os thalassas, sendo madrastra para os velhos e verdadeiros republicanos ».

São já tantos os velhos e bons republicanos que tem tomado resolução idéntica á do autor da carta, que não será para espanto de ninguém, que amanhã volte ao poder o Sr. José Luciano de Castro, na bem — aaventurança dos conselheiros.

Gralhas

As vezes surjem algumas, que fazem rir a valer.

Está fresquissima na memória de todos a do deputado por Leiria, aliás, um republicano autentico.

Pois á dias no Mundo vinha intransigente correligionario por ultimamente correligionario, quando se falava do individuo nomeado para administrador do concelho da Louzã.

Entre o deputado e o correligionario — na escôlha, até o próprio bispo de Beja esitaria!

Protesto

Adeante vae reproduzida a moção que o nosso amigo Sobral Campos redijiu, para ser publicada, conforme a resolução tomada á dias n'uma reunião de estudantes, no pateo da Universidade.

Ao justo protesto contido na moção inteiramente nos associamos.

A invazão

Policia, municipaes fugidos, boticarios, corretores de hotéis, jovens da católica, espingardas,

BEMAVENTURANÇA



— Póde Vossa Magestade estar descansado que, pelo menos, o reino do ceu tem-o sempre seguro.

(Desenho de Luiz Filippe.)

canhões, bispo de Beja e marmittas, Paiva Couceiro, Penella e carlistas á mistura — tudo ali se ajunta ao norte, na Galiza, num bando famoso, para o fim da famosa invazão.

E' pena vir longe o Carnaval. Que tudo aquillo, devidamente custodiado, daria uma entrudada, capaz de fazer rir o mais pintado!

MIUDEZAS...

(Em tres quadros)

— Viva o nosso deputado! Emfim eleito!

O que aquella eleição lhe tinha custado, o prodigio de actividade que tinha sido a sua vida n'aquelles quinze dias, as horas que elle tinha levado a declamar phrases feitas e a espectorar idéas de outros!

Parecia impossivel!

Mas emfim, estava eleito e aquella manifestação dos seus partidarios, quente, vibrante, espontanea sobretudo, compensava-o bem da samsaboria de uma lucta, de que saíra triumphante sim, mas mal ferido, com o seu republicanismo de fresca data posto ao léo, por adversarios impiedosos, até ás vezes crueis.

Não era qualquer coisa: um Pae da Patria, um homem que merecia os votos do povo depois d'uma revolução, quando uma geração nova se levantava das cinzas dum mundo desfeito!

Era todo um futuro de glorias, e de mando a desenharem-se.

Estava já a ver-se ligado ao estadista de maior poder, ao chefe do partido mais forte, verdadeiro chefe elle proprio d'uma região, sem que uma pedra sequer se podesse arredar sem o seu previo consentimento.

Depois os favores que dispensaria, os empregos, as transferencias, as recommendações, o nome nos jornaes, n'uma palavra: o poderio e a gloria, a clava de Hercules e as tubas da Fama.

Pobre diabo cabeçudo e pateta arrastada até então a vida a custo com o sacrificio d'um trabalho extenuante; mas não haveria lá por Lisboa alguma coisa que lhe permitisse um certo descanso bem retribuido?

E tudo isso elle estava vendo n'aquellas aclamações vibrantes da multidão, que a figura prestigiosa do seu logar tenente superiormente inspirava.

— Viva o nosso deputado!...

— Obrigado, meu povo... obrigado!

E o povo, irmão ingenuo e confiado, redobrava de entusiasmo aclamando o unguido que lhe tinha prometido em phrase quente o bem estar e a salvação.

— Obrigado, meu povo... obrigado!

A manifestação passou e os ecos do ultimo viva foram bebidos pela sombra da noite pezada e densa como péz. Fechou-se a janella.

A mulher, deitada havia muito, tinha acordado estremunhada com o calor da manifestação.

E foi nervosamente que elle lhe trincou um beijo em que ia todo o alborço d'uma suprema ambição satisfeita.

A voz d'ella cotou a atmosfera morna da alóvia, n'um tom brando, impregnado d'uma carícia infinita:

— Amadeu...

— Filha...

— Parabéns, meu deputado!... Parabéns, Amadeu... Que Deus te faça bem, menino...
— Obrigado, filha... obrigado!

Um silencio mysterioso casou-se com a escuridão suggestiva do gaz apagado de repente: — zut!...

E n'aquelle momento havia no quarto alguma coisa mais do que duas almas unidas pelo senhor prior: estava alli um pae da patria que se preparava para a luta... no Parlamento. Ape. as a voz da mulher, momentos corridos, salpicou intencionalmente:

— Se lá te portasses assim, estava a coisa bem...

S. Bento á cunha. Animação e vida por toda a parte. Antes da ordem...

Começam a esboçar-se os partidos, vagamente, no horizonte das discussões baralhadas dos novatos irrequiétos.

Atmosfera carregada de moções e de propostas.

Pedem a palavra cento e vinte senhores deputados. Toilettes claras na galeria reservada.

Amadeu agita-se...

O sr. Eurico Fernandes: —

Peco a palavra.

O sr. Presidente: — Tem a palavra o sr. Eurico Fernandes.

O sr. Eurico Fernandes: — Sr. Presidente, pedi a palavra para fazer uma proposta que não necessitaria de justificar porque paira no espirito de todos. (Lê)

ARTIGO 1.º — E' considerada feriado o dia 31 de dezembro, commemorando a eriação do mundo pelo cidadão Padre Eterno.

(Ruido. Manifestação geral de desgosto.)

O sr. Abel Botelho: — Protesto. O Padre Eterno não é republicano historico e fez isso sem a sanção do Directorio.

(O sr. Innocencio Camacho aproxima-se da cadeira do sr. Ministro do Fomento.)

O sr. Carlos Callisto (para o sr. Brito Camacho):

— O Camacho, qual é a sua opinião?

O sr. Eurico Fernandes — (Lê)

ART. 2.º — Fica revogada a legislação em contrario.

(Ruido. Ordem... ordem...)

(Posta a votação é reprovada por unanimidade, incluindo o proponente.)

(Amadeu nervoso ergue-se, arrependido e tosse desesperadamente.)

O sr. Amadeu de Oliveira Matos: — Peco a palavra.

O sr. Presidente: — Tem a palavra o sr. Amadeu de Oliveira Matos.

O sr. Amadeu: — Senhor Presidente: está no espirito da assembleia a resolução da crise medonha que assolou em tempos a região do Douro e que a tornar-se extensiva a toda a nação seria uma crise verdadeiramente nacional.

(Sensação.)

O sr. Malva, (da tribuna destinada aos futuros deputados pelas colonias.) Apoiado.

O sr. Baracho (dá um espirito enorme que faz tremer o edificio.)

O sr. Amadeu: — (Enfia e regouga uns sons inarticulados.) Está no espirito já disse... Passo a ler. (Lê)

«Propõem-se que sejam arrancadas as vinhas do Ribatejo e que seja posto á disposição do governo quem for encontrado a beber vinho do Sul.»

(Ruido.)

O sr. Ministro das Finanças: — (Arrebatado e altruista.) Protesto energicamente.

(Ruido.)

(O sr. José Maria dos Santos que assistia da galeria publica alveja Amadeu com dois tiros de revolver que felizmente o não attingem.)

Confusão. Prisão do abastado proprietario pela cavallaria da guarda republicana.

Amadeu é cumprimentado e levado em triumpho.)

.....

Ninguém na sala das sessões.

O continuo da presidencia, para um collega, depois de ler a proposta esquecida na carteira do Amadeu, dobrando-a cuidadosamente:

— Elle ha tanta occasião em que a gente lhe sente a falta... e metteu-a no bolso.

.....

Chamado por um telegramma da mulher, Amadeu saiu repentinamente de Lisboa.

Foi encontrá-la pezarosa com o attentado, triste com o risco em que andava o seu maridinho.

Depois de um mar de caricias acabou por lhe pedir que abandonasse a camara, que renunciasse á gloria, ao poder, á tudo, por amor d'ella, se a não quizesse levar á sepultura.

Amadeu resistiu tenazmente, resistiu com ancia, com inquietação, com delirio e acabou por ceder.

Uma lagrima eloquente, salgada de commoção rolou-lhe pela face, sublinhando o heroismo da renuncia.

E foi então que, n'um gesto delicioso de contentamento a mulher lhe disse para o consolar:

— Deixa, meu amor, que tu sempre has-de ter geito para outro coisa... e é quanto me basta.

.....

Dr. Costa Santos

Volto a Lisboa, no ultimo sabbado, o Dr. Costa Santos, que em Coimbra esteve ultimando o caso dos conspirantes presos nesta cidade.

.....

Garibaldi.

.....

Dr. Costa Santos

Volto a Lisboa, no ultimo sabbado, o Dr. Costa Santos, que em Coimbra esteve ultimando o caso dos conspirantes presos nesta cidade.

DOIS CASOS

Alexandre Braga! lembrar o seu nome o mesmo é que recordar os mais bellos triumphos da oratória iconoclasta e demolidora que morreu no dia cinco de outubro para ser substituida com desvantagem pelo madrigal politico escandaloso e piégas.

Eloquencia forte, maleavel, unica, duma austeridade vigorosa e duma doçura adorável ao mesmo tempo, ella faria a gloria de oradores da antiga Grecia.

Pela sua arte indisciplinada como elle proprio, mas corretissima como a sua figura verdadeiramente grande, tem incontestavel direito não só á homenagem de todos os patriotas, mas sobre tudo á de aquelles que estimam verdadeiramente as letras portuguezas.

Discordem-se quizerem das suas ideias mas curvem-se perante a belleza da sua palayra.

Quem será o orador por excellencia da camara republicana, não o sabemos nós.

Quem com mais requintes de artista e mais elevada perfeição de forma traduziu o pensamento revolucionario, inquebravel e intransigente, foi incontestavelmente Alexandre Braga.

Nem se diga que um discurso que saisse dos seus labios com o calor que a sua alma lhe empresta logo já não tem o mesmo valor.

O mesmo se tem dito de outros a quem a preocupação da forma não presegue com a Alexandre Braga e as suas obras correm de mão em mão e é ainda nellas que vão beber os nossos Ciceros in herbis.

Não tinhamos ainda ouvido a sua palayra e já ella para nós tinha assumido proporções colossaes pelos simples extractos geralmente imperfeitos dos jornaes.

Não colhi pois a razão da não publicação do seu discurso, que foi apresentada na Camara, e deve portanto ceder o logar a outra.

Porque seria então? Por economia? Vamos lá que já é uma razão e se foi por isso bem estamos, porque se os senhores deputados levam a tanto o seu escrupulo, em breve contamos com um elevado superavit orçamental.

Nem seremos nós que os não apoiemos nessa honrada preocupação, mas nesse caso devia-se ter poupado ao publico, que está com os olhos postos em S. Bento, a exacta afirmação que lá se fez e que para nós ao menos, ingenuo provinciano, não consegue tirar uma parcella de valor á obra propriamente litteraria de Alexandre Braga.

Pela nossa parte continua-lhe-mos a ler, na impossibilidade de o escutar a cada momento, na certeza de que lemos alguma coisa de tão grande como o que de maior já por fora existe.

E quem assim não pense que nos atire a primeira pedra... Que em verdade pelo voto da camara, tinhamos certo um martyrio á S.ª Estevão.

.....

Queixa-se o Pai? que um thalassa e furador da greve fosse nomeado secretario da commissão dos festejos de 5 de Outubro. E admira-se o Pai?

E eu que cuidava que fossem essas as condições essenciaes para se ser qualquer coisa hoje em dia, em Portugal!

E repare o Pai? que o cargo não é remunerado. Se o fosse não duvide por um momento de que o nomeado não tivesse as mesmas prendas.

Tem graça...

Quantos socios do Centro Monarchico alli da Rua do Cosme, supõe o collega, que apanharam bons logares de 5 de outubro até á esta?

.....

.....

Thalassa?!... Furador da greve?!...

Optimo... Intelligente mancebo que já previa na monarchia o que podia engrandecê-lo na republica.

Por este andar eu sei lá se não serão essas, as qualidades fundamentais que se exigem do presidente da republica, se o houver?

Mas basta de galhofa, porque o que é triste, creia o Pai?, o que é doloroso e amargo, é pensar naquelles que, por terem vergonha na cara, não foram thalassas nem furadores da greve e que pelo mesmo motivo, talvez continuem ainda a viver quotidianamente vida de pobres e de esfomeados. Chi lo sa...

Lino Gamello.

PEDRADAS...

O dr. Francisco Joaquim Fernandes é um advogado de grande nomeada em todo o Portugal, mas principalmente nos auditorios da comarca do Porto, onde habitualmente vive e tem o seu escriptorio.

Lente cathedratice da 17.ª cadeira da faculdade de Direito, elle não põe no exercicio do professorado uma pequena parte de zelo e sollicitude com que ordinariamente trata as questões que são confiadas á sua proficiencia de advogado proficiente e sabedor como raros. E' assim que, na roda do anno, o dr. Fernandes permitiu-se a massada de vir a Coimbra, dar aula, umas doze ou treze vezes.

Talvez exactamente por isso, elle era (e não sei se ainda é), entre os estudantes da Universidade, um verdadeiro idolo, uma especie de Antonio Zé pr'a multidão; e, se á sua passagem não estrugiam vivas e foguetes, abriam alas respeitosas os rapazes, explodiam de todos os lados as venias e as capadas.

Por mim, com este instinctivo horror pelos idolos, tomou me um vago receio da bondade do dr. Fernandes, a que o caso que vae adiante narrado deu corpo e vulto, livrando-me ao mesmo tempo do espanto que vejo desenhado nas caras do maior numero. Porque, não sei se com os senhores se dá o mesmo; eu chego a ter um medo supersticioso das creaturas que se instalam na geral consideração com este epitheto commodo — «exce-lentes pessoas».

Deus me livre de encontrar algum dos taes, «bom homem ou santo homem», noite fechada, num pinheiral fechado, indo eu sosinho e com as mãos a abanar!

Mas, reatando o fio...

Chegados os actos, toda a gente suppunha que, na cadeira de que é professor o dr. Francisco Fernandes, elles deslisariam como uma formalidade sem significação, monotonos e eguaes, na repetição massante das 170 paginas de materia dada durante o anno. E isto por varias razões e mais uma: ser o dr. Fernandes uma «excellente pessoa», um «bellissimo homem», a «perola do professorado», como tambem já lhe ouvi chamar. Podiam chover os chumbos em outras cadeiras, confiadas a professores que não eram nem «exce-lentes», nem «bellissimos», nem «perolas», mas em Pratica, lá isso podiamos estar completamente descansados, que não seria por elle que cá ficaríamos mais um anno!

Segunda feira, pela hora amavel do jantar, desceu dos geraes a todos os beccos e ruelas desta cidadezinha sonora, a nova tragica de que um quintanista, para mais ornatorio, grammara a pastilha em Pratica.

«Dou-te a minha palayra de honra que houve uma repprovação em Pratica!» — e foi assim, garantida sob palayra de honra que a noticia fez o giro da cidade,

tão contradictoria ella era com as tradições e pratica universitaria.

E, a par dum grande espanto, ouviam-se de todas as boccas, nos grupos que logo se formavam commentando o caso, palayras asperas de condemnação e de censura, que vieram a explodir numa formidavel pateada ao dr. Fernandes, á sahida dos actos.

Seria apenas porque o repprovado deveria concluir este anno a sua formatura?

Não. Não é caso inedito a repprovação dum quintanista, e nunca a indignação tomou estas proporções.

Porque seria então? Porque faltava ao dr. Fernandes auctoridade moral para repprovar, desde o momento em que elle deveria ser o primeiro a ficar repprovado, melhor, nem deveria ter sido admittido a acto: deveria ter perdido o anno por faltas.

Hadequê

N. B. Como se dá o caso de o auctor ter feito Pratica um destes dias, obtendo a classificação de 15 valores (tanto valor!), não se vá julgar que elle ficou descontente.

O auctor, como sempre, estudou para 10; se teve mais, deve os que vão dahi para cima, não á sua intiligencia, mas á magnanimidade do mestre. Di-lo convencido.

Ha

De LISBOA

Até que, depois de uma phase excitante trazida pelas eleições, as Constituintes se encontram reunidas. A minha opinião sobre ellas é em geral agradável. Vejo muita cabeleira branca que presumo racionalmente não ser muito affeita a radicalismo na Republica, mas admiro por outro lado uma legião de obreiros, cheios de vida, de boa vontade e de esperança, que me dão a melhor garantia d'um bom exito da Republica intransigente.

Não serão estes talvez por ora a maioria no parlamento, mas devem ter no entanto a maxima confiança em a conquistarem lá dentro e dentro de pouco tempo. Assim é indispensavel.

Só assim a Camara poderá corresponder fielmente á vontade popular democratica que não soube poupar-se a sacrificios e torturas para crear o regimen liberal da Republica entre nós. Só assim se justificam os annos e as energias dispendidas por uma causa que afinal vingou. Apenas assim tem razão de ser a confiança e a expectativa benevola que existe no povo mandante ao fixar os olhos sobre os seus paes da patria.

De resto, essas cabeleiras brancas, por que eu symboliso a moderação, o conservantismo na representação parlamentar, já mais farão fiasco, a não ser que por completo se voltassem da cabeça para os pés. São apenas o resultado logico da tal politica de acalmção e de atracção, que originou já os mais condemnaves abusos e nomeadamente nas eleições de ha dias.

Em Coimbra vi-a eu claramente, abafando a vontade unica que teria de prevalecer, a vontade d'aquelles «de convicções de sempre», para, com fins deshonestos, repellentes, odiosos e criminosos, se dar guarda affectuosa e ampla aos «de convicções d'agora».

Não tenho eu receio de que a Republica perigue por conspiratas e ameaças quixotescas dos seus inimigos. E' esta uma luta desleal e odienta, saída do interesse particular ferido, sem apoio em principios, em nada moralisadora ou seria.

Tenho-o sim e antes por aquelles que de algum modo lhe servem de guia e não sabem ou não

querem comprehender a gravidade do momento, a elevada funcao social que a Republica tera de cumprir, e a evolucao gigantesca que d'ella todos esperam.

Para os que não sabem, lamentos-lhes a ignorancia e respeito-lhes a boa intencao; para os que não querem, acho até bem essas conspiratas e luctas de opposicao, significando um inimigo vigilante e ameaçador, que faz emendar, que corrige, que equilibra.

Mas a minha impressao geral, repito, é agradável. O conjunto das Constituintes revelando ausencia de capelinhas parece-me promettedor, se bem que um outro pae individualmente seja uma crapula lastimosa.

A proposito, — os republicanos coimbrãos devem estar vingados com a estreita do deputado d'esse circulo, da politica d'atracao, — o dr. Rosette.

E leram os jornaes apenas. Não viram como eu a sua figura receosa, palavra baralhada, confusão tal, que, já sem coragem, sem razao e sem talento, se deixou cair a meio, succumbido, no fundo do fauteuil.

A bandeira encarnada e verde lá passou. Venceram os pimentos, venceram os tomates. Uns são acidos, outros picantes.

A salada é agradável, a bandeira deve ser promettedora. Temos emfim bandeira! Está resolvido um grave problema nacional. Que viva a bandeira!

E por hoje nada mais.

Lisboa, 23-6-91.

Antonio Napoles.

A Revolta

O nosso amigo Arnaldo Sequeira deixa a administração d'este jornal, ficando aquella a cargo do nosso camarada Pedro Palma.

Pestana Junior e o partido republicano no Funchal

III

Continuando a historiar. No nosso ultimo artigo, ficamos no momento em que a luta está mais acêza de parte a parte.

D'um lado Pestana Junior, cercado dum grupo d'amigos, critica abertamente o governador e a sua camarilha, mostrando quão nociva achava a sua açao na politica madeirense.

Do outro lado O Povo defende a outrance o seu idolo, o governador, com violencia e acinte, calunhando, não só Pestana Junior, mas tambem todo o corpo redatorial do Radical.

E' o insulto respondendo á critica logica e severa. É a insinuação calunioza respondendo ao suelta cheio de espirito, é a intriga respondendo á charge cheia de graça e verve.

Pestana Junior a 7 de Maio publica um artigo no qual lança as bases para a fundação do Centro Democratico Republicano.

N'esse artigo explica resumidamente as causas, que o levaram e aos seus, a combeter o consulado do governador, e expõe o programa do futuro Centro.

Este programa será tambem o de qualquer deputado proposto pelo dito Centro.

A 10 de Maio e em virtude da decisão tomada pelos socios do Centro, propõe-se ele e dois dos seus amigos politicos como deputados ás Constituintes.

No mesmo dia reúnem-se as comissoes partidarias, reunião a que prepozitadamente não comparecem os amigos de Pestana Junior, por saberem que elas não teem a necessaria independencia e que constituem uma pe-

quena corte onde impéra em senhor absoluto Sua Magestade, o governador.

Procede-se á comedia d'uma votacao sendo o resultado: 38 votos pela lista que contem os nomes dos deputados que mais tarde foram reconhecidos pelo Directorio; 4 votos por um outro nome; 3 por Pestana Junior e 1 pelo governador.

E' conveniente notar que a esta reuniao foram só quarenta, dos cento e tantos membros que fazem parte das comissoes partidarias!

N'esta mesma reuniao foi apresentada uma mocao que foi aprovada e que para aqui transcrevemos do Povo, de 12 de Maio, onde pela primeira vez foi publicada.

E' do teor seguinte:

A comissao municipal e as comissoes paroquias em sessao conjunta, considerando que o dr. Manuel Gregorio Pestana Junior se uniu nos ultimos tempos, e se apresenta como chefe e dirigente, a um grupo d'homens que no extinto regimen se tinham evidenciado na imprensa e nas conversas particulares como os mais odientos inimigos da cauza republicana; considerando que esses homens continuam hoje na sua obra de difamação contra aqueles a quem o partido republicano madeirense mais serviços deve, com a solidariedade do dito Pestana Junior; considerando que o referido Pestana Junior, acompanhado de alguns monarchicos, mascarados de republicanos, tem por vezes injuriado as comissoes partidarias, legitimas representantes do partido republicano madeirense; considerando ainda que todos estes atos teem por fim indicar uma suposta dissidencia no partido republicano, procurando assim desmoralizar o povo; considerando que essa apostazia do referido Pestana Junior provem unica e exclusivamente de não ter sido nomeado para um pingue emprego que ele de modo algum poderia exercer com proveito publico, como demonstrou nos tempos em que foi administrador do concelho; considerando assim que a sua traicao ao partido republicano e filha exclusivamente da sua ganancia e ambicao;

Resolve não só não o considerar republicano, mas ainda como fidalgo inimigo da cauza da democracia e mais resolve participar todos estes fatos ao Directorio do Partido Republicano Portuguez!!!

Do papel de historiador imparcial que n'este dado momento incarnamos, não é permitido o minimo comentario.

Acabaremos portanto primeiro a exposicao dos fatos, para depois entrarmos na sua discussao cuidada.

Mas a titulo de curiosidade transcrevemos agora aqui alguns trechos duma carta escrita pelo snr. dr. Martins a respeito de Pestana Junior, quando sobre este, alguém aqui em Coimbra quis lançar o odiosa duma sua vil suspeita.

Da Revolta de 31 de Outubro de 1910:

Funchal, 4 de Outubro de 1910.

Ilustre correligionario

Causou-me dolorosa impressao a sua carta.

Supunha na minha ingenuidade que os homens como Pestana Junior, não eram atingidos por calunias tão vis.

A minha opiniao pessoal é esta: o dr. Pestana Junior, pelas suas faculdades de trabalho, pela sinceridade das suas convicções democraticas, ha de prestar relevantes serviços ao partido republicano madeirense, cooperando eficazmente na obra que nos im-

puzemos d' banir o indiferentismo politico que avassala este povo.

Quanto á opiniao do partido local, basta dizer-lhe que se pensa elegel-o para a Comissao Municipal.

Lamentando mais uma vez o monstruozo boato que ai se espalhou, fica á disposicao o seu correligionario

o que tem a honra de se subscrever

Manuel Augusto Martins.

Este snr. Martins é o atual governador civil do Funchal, e o autografo d'esta carta encontra-se em poder do nosso amigo e correligionario Lino Gameiro.

Esta carta tambem por agora, vai sem comentarios.

Voltemos aos fatos.

Dias depois de aprovada a celebre mocao e em vespuras de eleicoes é suspenso o Radical e seladas as portas da tipografia.

Adota-se para o Povo uma linguagem de regateira quando se refere a Pestana Junior. E' demittido o reitor do liceu, amigo politico d'ele. Propõe-se, por mais d'uma vez a demissao de Gonçaves Preto de juiz auditor, por ser amigo de Pestana Junior. Chamam-se á residencia do governador alguns influentes politicos que poderiam auxiliar a propaganda de Pestana Junior e por motivos futeis são ai detidos até ás eleicoes.

As assembleias eleitoraes são prezididas por escrivães de direito á ordem do juiz Seves d'Oliveira, atualmente processado pelas proezas que fes ou que por eles mandou fazer!

Na assembleia de S. Vicente hdeantam-se os relógios uma hora para levar a urna as 5 da tarde para casa do administrador, não a deixando velar e não recebendo a meza protestos alguns!

Em Camara de Lobos, onde não vão á urna senão cento e tantos eleitores, apareceram 1112 votos pelos deputados patrocinados pelo governador!

E assim se fazem as eleicoes em todas as assembleias, em nome da moralidade republicana e democratica!

Assim se desacredita torpemente esta santa cauza republicana, para que tanto trabalharam, sacrificando alegremente a liberdade e a vida! Assim se atraçoam vilmente todos os principios de justiça e liberdade, que nós amamos e detendemos como uma religiao, assim se respinga lama e lodo sobre o puro e imaculado monumento erguido a 5 de Outubro por um punhado de heroes.

Apezar de todos estes indignos processos de atrazados caciques da monarchia, Pestana Junior ainda tem 4000 e tantos votos!

Quem são os traidores da ideia democratica?

Quem são os monarchicos mascarados?

Quem merece o castigo?

Os leitores o dirão.

Paiva Lereño.

Publicações recebidas

Boa gente

O snr. Hypolito Raposo, autor da «Coimbra Doutora» ofereceu-nos o seu novo livro de contos, que com aquele titulo a casa França Amado acaba de editar.

Vamos ler. Ao autor — o nosso agradecimento.

Procural

Recebemos o primeiro numero do Procural, revista forense que se publica em Lisboa. Agradecemos.

NA CONSTITUINTE

Do Mundo de 27 transcrevemos o seguinte:

Na Camara ha um grande numero de deputados avessos á formação de colteries, que teem afirmado já iniludivelmente o proposito de as contrariarem para bem da Republica e do pais. Mas os esforços d'esses representantes da nação resultavam estereis e improficuos desde que lhes faltava a unidade e cohesão necessarias para os valorizarem. Para conseguir essa cohesão e alcançar aquella unidade houve quem se lembrasse de promover uma reuniao onde se discutisse a melhor maneira de colocar acima de pessoalismos perigosos os interesses superiores da nação e da Republica. Efectivamente, hontem, no salão nobre do teatro Nacional, se ajuntaram cerca de setenta deputados, que calorosamente apoiaram a ideia de que na camara um nucleo houvesse a afirmar altivamente a autonomia de pensar em face dos problemas que a Constituinte é chamada a resolver. Claro que nem um partido politico nem uma colterie esses deputados desejam formar com o rotulo, imensamente gasto já e desacreditado, de independente. Cada um categoricamente reivindicou para si a liberdade de manifestar deante de qualquer questao o seu modo de pensar e de agir. Todavia uma unanimidade se revelou: — a de contrariar qualquer tendencia para a criação de uma entourage em volta de qualquer pessoa, por maior que seja a simpatia que mereça, o prestigio de que gose e os merecimentos que possua.

Todos os bons republicanos devem congratular-se com o facto e fazer votos por que não se fique apenas em — boas intencões.

Os actos da Faculdade de Direito

Na sexta-feira passada a convite do nosso amigo Sobral Campos, quintanista de Direito, reuniu-se um numeroso grupo de estudantes no pateo da Universidade, para apreciar um artigo publicado num jornal portuense em que se fizeram afirmacoes, carecendo de verdade, acerca dos actos da Universidade.

Do artigo em questao tratou o ultimo numero do nosso jornal.

Naquella reuniao tendo fallado alguns estudantes, censurando a injustica e a falsidade contidas no referido artigo, foi resolvido que Sobral Campos redigisse uma mocao de protesto, dando-se-lhe a maior publicidade possivel.

A referida mocao, redigida por aquelle nosso amigo, é como segue:

A Academia, constatando que os actos de direito do corrente anno teem sido mais dificeis que os dos annos anteriores;

Atendendo á falta de ponto (o que só nesta faculdade acontece);

Atendendo á exigencia dos professores que fazem os seus interrogatorios tanto ou mais minuciosos que os habitualmente feitos nos outros annos;

Atendendo á anormalidade do anno escolar;

Atendendo a que os cursos livres se estabeleceram com pro-

fessores viciados pelo antigo sistema de ensino e sem que os alumnos para elles estivessem preparados;

Atendendo a que, apesar disso, os estudantes se teem apresentado nos actos com um brio e correccao muito superiores á media dos annos transactos;

Considerando que as decisoes dos jurís teem sido justas, exceptuando certas reprovações tanto mais injustas quanto é certo terem sido aprovados alumnos em iguais e até em menos boas circunstancias que as d'esses reprovados;

Resolve:

Repelir as afirmacoes feitas no jornal O Porto tendentes a fazer crer que os exames teem sido ridiculamente facéis;

E lamentar que certos professores, porventura suggestionados por essas afirmacoes e por boatos semelhantes que já em Lisboa correm, se tenham afastado das normas de justiça que, mais do que ninguém, deviam respeitar.

A Revolta

Condições de assignatura para o continente, ilhas e provincias ultramarinas. Trimestre, ou serie de 13 numeros, 300 réis; semestre ou serie de 26 numeros, 500 réis.

Numero avulso, 20 réis

ANNUNCIOS — Cada linha, 30 réis, e repeticao 20 réis. Inserem-se annuncios por largo tempo, por contracto especial.

EXCURSÃO A AVEIRO

No dia 2 de Julho, em comboio especial, que sairá de Coimbra ás 6 horas da manhã e regressará ás 10 da noite, abrilhantada pela Philharmonica Conimbricense.

A REVOLTA

Jornal Republicano Academico

Annuncios

ABILIO LAGOAS

54 — Praça do Commercio — 55

COIMBRA

Correspondente das Companhias

Maritimas, da Companhia de Seguros de fogo COMMERCIO e INDUSTRIA e do BANCO DA COVILHA

COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

DEPOSITO DE SACCOS DE PAPEL

Telephone 205

AUGUSTO LUIZ MARTHA

PARA REVENDIDORES

SABOARIA LUSITANA

SANTA CLARA Telephone n.º 162

Armazem de Papel e Chá

Deposito de Bolachas e Massas

22, P. do Commercio, 26 Telep. 11

COIMBRA

Antonio Napoles e Ramada Curto ADVOGADOS LISBOA

ESCRITORIO

Rua Nova do Almada, 59, 2.º

F. FRANÇA AMADO

LIVREIRO EDITOR

LIVRARIA E TYPOGRAPHIA

COIMBRA

Grande sortido de livros nacionaes e estrangeiros. Administração da *Revista de Legislação e de Jurisprudencia e do Movimento Medico*. Assignaturas para todos os jornaes de Direito, Medicina, Modas, Litterarios e Artísticos; portuguezes e estrangeiros.

Correspondencia com todos os mercados do livro

SERVIÇO RAPIDO DE ENCOMENDAS

Casa J. da Fonseca

Praça 8 de Maio, 8 e 10 — Rua V. da Luz, 1

COIMBRA

Pianos GAVEAU

Bicyclettes B. S. A. e PEUGEOT

Machinas de costura NAUMANN

(PEÇA-SE CATALOGOS)

Accessorios para tudo. Instrumentos musicos, musicas, etc.

ALUGUEIS e VENDAS a prestações

Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Commercio e Industria

ECONOMIA GARANTIA SERIEDADE

Colchoaria Central

João Chrisostomo dos Santos & C.^a

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA COSTAS

COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e de madeira, colchoaria

Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobillias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, visitas e quartos de dormir

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Machinas Singer para coser

ESCRITORIO

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

FILIAES:

FIGUEIRA DA FOZ — Rua da Republica, 8

CANTANHEDE — Rua da Estrada de Vagos

PAPELARIA BORGES

Além do sortido proprio de papelaria, escriptorio, desenho, etc., esta casa tem a melhor edição de

Bilhetes postaes illustrados do paiz,

de Coimbra e districto, Serra da Estrella, Aveiro, Vizeu, Covilhã, Castello Branco, Beja e algumas villas, para o que aproveita sempre as melhores photographias e os assumptos mais escolhidos e proprios.

Toma encomenda de trabalhos no genero a quem fornecer photographias ou outros modelos, podendo tambem encarregar-se da tiragem das photographias, para o que fornece preços a quem pedir.

Apparelhos e mais material para Photographia.

2, R. Visconde da Luz, 6 — Coimbra

MARIA LOPES

Rua do Sargento Mór, 40

COIMBRA

Recêbe COMMENSAES

e faz preços convidativos

VENTURA B. D'ALMEIDA

COIMBRA — Rua do Sargento Mór, 60 a 62

Largo do Caes, 5, 6, 7, 8 e 9

Armazem de mercearia,

metaes, trapo, pelles

e sarro de vinho

Telephone 230

Tabacaria Central

DE

Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29

COIMBRA

Telephone 276

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados e

BILHETES DE VISITA

A Constructora

Estrada da Beira — COIMBRA

Deposito de materiaes para construcções e

FABRICA DE LADRILHOS

CESAR CANTU

RESUMO DA HISTORIA UNIVERSAL

(UM VOLUME DE 850 PAGINAS)

Tradução portugueza por HORACIO POIARES, antigo professor e reitor do Lyceu Nacional de Macau, offerida aos seus condiscipulos e amigos do Extremo Oriente

Poucas pessoas poderão comprar a HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, cuja edição portugueza é em 20 volumes, cada um dos quaes se vende a 15400 réis brochado ou 13700 réis encadernado. Porém todos poderão adquirir e ler um resumo d'essa monumental obra do grande historiador, universalmente conhecido e considerado dos primeiros, e ainda o primeiro sob o ponto de vista do merito moral e philosophica, constituindo o seu trabalho uma excellente preparação para o estudo da historia-contemporanea.

O compendio da HISTORIA UNIVERSAL de Cesar Cantu, do professora Juan B. Ensenal, resume em 850 paginas, toda a obra do grande historiador, e a repetição das suas edições mostra o successo que tem tido. Vae ser publicado em portuguez nas officinas do Commercio do Porto.

Preço — pagamento adiantado, para quem se inscrever como assignante até 30 de Setembro proximo, 13200 réis, franco de porte.

Depois de exposto á venda o preço será de 13500 réis.

A quem se responsabilisar por cinco exemplares será offerido mais um gratis.

Todos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, em vale do correio ou carta registada, devem ser dirigidos ao proprietario e traductor:

HORACIO POIARES — (Districto de Coimbra) — Cantanhede, MIRA

São igualmente satisfeitos todos os pedidos vindos do Brazil, que sejam feitos por carta registada, devidamente lacrada, contendo uma nota de cinco mil réis, dinheiro d'aquelle Paiz, representando essa importancia não só o preço total do livro mas tambem o porte e registro do correio.

Equalmente se aceitam notas de qualquer outro Paiz ou Banco, remetidas da mesma forma de qualquer parte; sendo para esse effeito o preço, nas mesmas condições, tres rupias e meia na India, ou duas patacas e meia (réis 2600) no Extremo Oriente e America do Norte, em 7 francos, ou 7 schillings, ou 7 marcos, ou 7 pesetas; e correspondendo sempre a cada requisição de cinco exemplares mais um gratis.

Pede-se toda a nitidez na indicação dos nomes e endereços a todas as pessoas que nos quiserem honrar com a sua assignatura.

Em especial os pedidos do estrangeiro que não vierem acompanhados da respectiva importancia não serão satisfeitos; sem querermos com isto maguar pessoa alguma, e apenas simplificar o serviço da publicação,

LIVRARIA

F. França & Armenio Amado

EDITORES

R. Ferreira Borges, 77 a 81 — COIMBRA — Arco d'Almedina, 2 e 4

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionaes como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Lyceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normaes e Primarias.

Encadernações em todo o genero. — Officina montada com machinismo moderno.

Accellam-se todos os trabalhos. — Grande sortido de papéis e envelopes, objectos de escriptorio e aprestes para desenho

Deposito da importante LIVRARIA PORTUENSE, de Lopes & C.^a, Succ.

ACÇÕES DE DESPEJO de predios rusticos e urbanos (Decreto de 30 de Agosto de 1907) — Segundo as preleções feitas na Universidade pelo sr. prof. Dias da Silva. Separata dos Apontamentos de Processo, colligidos por A. F. Carneiro Pacheco. 800 réis.

Dr. J. Valerio, *Quid Paiz?* — Recordações de um quintanista. — Elegante album contendo caricaturas de professores e estudantes da Universidade. — Livro muito proprio para offerτας e recordação da vida academica. — 1 grande volume em edição de luxo. 13200 réis.

Dr. Lobo d'Avila Lima, *Da Concorrência Desleal*, 1. vol. 13200 réis.